



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

CECILY ALMEIDA COELHO

**A CRISE NA AGRO-INDÚSTRIA FUMAGEIRA E OS IMPACTOS NA
ECONOMIA DA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO**

SALVADOR

1999

CECILY ALMEIDA COELHO

**A CRISE NA AGRO-INDÚSTRIA FUMAGEIRA E OS IMPACTOS NA
ECONOMIA DA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de graduação em Ciências
Econômicas da Universidade Federal da
Bahia como requisito à obtenção ao grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Jackson Ornelas Mendonça

SALVADOR

1999

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças e perseverança para vencer mais uma etapa de minha vida, a de estudante.

Agradeço também a todas as pessoas que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo. A minha mãe que desde pequena muito me incentivou nos estudos, e que foi muito presente ao longo dessa caminhada. Também agradeço a meu noivo que muito contribuiu para realização desse trabalho, e soube em todos os momentos compreender e me apoiar no que fosse preciso. Agradeço também a minha irmã Iasmin por ter me incentivado e me ajudado na busca de fontes, como também quando me levou às plantações de fumo, e aos armazéns das empresas de fumo. Ao professor Jackson Ornelas Mendonça que me aceitou como orientanda e muito me ajudou na condução desse trabalho. Gostaria de agradecer também ao professor Carlos Estevão Leite Cardoso , que foi a primeira pessoa a me apoiar e incentivar para que começasse essa dissertação. Agradeço ao Sr. Oswaldo, funcionário administrativo da empresa Dannemann, que não hesitou em me fornecer informações sobre o tema. E à bibliotecária da SEI, Graça. Muito obrigado a todos vocês pelo apoio e pelo incentivo.

RESUMO

O fumo surgiu no Recôncavo Baiano desde o século passado e tornou-se o principal produto agrícola dessa região. Essa cultura fez surgir várias firmas estrangeiras e gerou vários postos de trabalho. Monta-se assim um sistema de produção/comercialização articulado tendo como produto uma matéria-prima industrial – o fumo beneficiado, demandado pela indústria manufatureira do fumo internacional.

A alta qualidade do fumo Brasil-Bahia fez com que o produto conquistasse as exigências de um mercado sofisticado como o Europeu. Porém a partir dos anos trinta, ocorre retração do mercado, no qual se desorganizaram as principais praças compradoras. E houve também a revolução tecnológica da indústria cigareira, onde ocorreu uma mudança nos hábitos do público fumante e o surgimento da grande empresa oligopólica multinacional, a CIA Souza Cruz, que contribuiu para minar o desenvolvimento da manufatura de charutos no Recôncavo Baiano, que reunia vantagens comparativas, considerando a proximidade à região produtora de matéria-prima e a abundância de mão-de-obra barata. Isso resulta que até 1930 as exportações brasileiras de fumo em folha eram atendidas pela região produtora do Recôncavo em 90%, todavia, já em 1970 o Rio Grande do Sul alcançou posição majoritária.

Assim, a indústria fumageira do Recôncavo não consegue acompanhar esse avanço tecnológico e entra num processo de crise, associado a isso junta-se a falta de incentivo do governo e posteriormente surge com concorrente a região de Arapiraca, no estado de Alagoas, com custos de produção mais competitivos com o mercado internacional.

Contudo, existe uma perspectiva de revitalização no mercado de charutos na região do Recôncavo, pois houveram mudanças na imagem de pessoas que fumam charutos, uma pesquisa mostra que eles representam status e poder e que é prazeroso fumá-los. Há um grande mercado a ser explorado que é o mercado americano, pois apesar das

exportações brasileiras a esse país terem aumentado nos últimos anos o Brasil participa apenas com 0,3 %. Tendo ainda uma grande fatia a ser conquistada.

SUMÁRIO

1		
INTRODUÇÃO		9
.....		
2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ATIVIDADE FUMAGEIRA NA BAHIA		12
...		
2.1 BREVE HISTÓRICO		12
2.2 CARACTERÍSTICAS DA ÁREA DO RECÔNCAVO BAIANO		14
2.3 CARACTERÍSTICAS SOBRE A PLANTA DO FUMO		16
2.4 SISTEMA PRODUTIVO DO FUMO		19
2.5 REGIÕES E MUNICÍPIOS PRODUTORES		24
		27
		27
		28
3 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO SISTEMA AGRO-EXPORTADOR DO FUMO		30
.....		36
		39
3.1 ANÁLISE DO SISTEMA AGRO-EXPORTADOR		41
3.2 USO DA MÃO DE OBRA		44
3.3 A COMERCIALIZAÇÃO DO FUMO		44
3.4 ESTRUTURA FUNDIÁRIA		48
3.5 ASSISTÊNCIA TÉCNICA – ATUAÇÃO DO IBF		54
3.6 SISTEMA DE CRÉDITO		61
		66
		66

4 A CRISE AGRO-INDUSTRIA FUMAGEIRA E OS IMPACTOS NA ECONOMIA DO RECÔNCAVO.....	70
4.1 A FASE DA PROSPERIDADE DO FUMO.....	73
4.2 A CRISE: CAUSAS E FEITOS.....	74
4.3 AS EMPRESAS EXPORTADORAS DE FUMO E SEU PROCESSO DE CRISE.....	76
.....	77
4.4 IMPACTOS DA CRISE NA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO.....	78
	80
	85
	88
5 PERSPECTIVAS DE REVITALIZAÇÃO DA LAVOURA FUMAGEIRA.....	
5.1 PERSPECTIVA DE MERCADO DO CHARUTO BAIANO.....	
5.2 CONSUMO NO BRASIL E NO MUNDO DE FUMO.....	
5.3 DEMANDA DO FUMO NOS ESTADOS UNIDOS.....	
5.3.1 Composição da demanda.....	
5.3.2 Tamanho e crescimento do mercado americano de charutos.....	
5.3.3 Tendências recentes.....	
5.4 NOVOS NICHOS DE MERCADO DO BRASIL.....	
6 CONCLUSÃO.....	
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
ANEXOS.....	

....

ANEXO I

ANEXO II

ANEXO III

APRESENTAÇÃO

Esse documento foi elaborado como exigência da matéria Elaboração de Monografia II, como conclusão do curso de graduação de ciências econômicas na Universidade Federal da Bahia.

O tema do trabalho de pesquisa tem por finalidade mostrar o quanto a cultura do fumo já foi importante para a economia baiana e a despeito de experimentar processo de decadência com reflexos importantes na economia da região do recôncavo baiano.

Apesar do processo de crise o fumo ocupa uma posição bastante privilegiada no cenário econômico dessa região. Gerando ainda empregos e renda para muitas famílias.

1 INTRODUÇÃO

Muito antes do Brasil ser descoberto, o Fumo ou Tabaco já era conhecido e plantado pelos Silvícolas, que fumavam suas folhas após secas e trituradas e na forma de charutos. Com o passar dos tempos, a cultura do fumo se desenvolve e passa a ser um dos produtos mais importantes na nossa pauta de exportações. Vários fatores contribuíram para esse acontecimento, como o solo propício às plantações, as condições climáticas, mão-de-obra abundante e um mercado bastante promissor.

A cultura fumageira foi responsável pelo desenvolvimento de muitas Regiões no Sul e Nordeste do país, como também pela utilização de muita mão-de-obra nessas áreas. Na região do Nordeste pode-se destacar os estados de Alagoas (Arapiraca) e na Bahia a Região do Recôncavo Baiano.

No Recôncavo baiano, o fumo teve um período de apogeu a partir do início do século XIX até a década de 60, onde várias empresas agro-industriais do fumo foram ali instaladas e a produção do fumo atingiu recordes.

Mas, depois desse período de desenvolvimento, surge um período de estagnação, como a decadência dessa lavoura. Partindo dessa constatação é que foi elaborado o problema de pesquisa da seguinte forma: Quais foram os possíveis fatores que levaram a Agro-industria fumageira à crise?

Uma das hipóteses, frente ao problema de pesquisa, é que a lavoura do fumo não avançou em termos tecnológicos, sendo conhecida por uma lavoura com grande utilização de mão-de-obra de baixa produtividade. Essa lavoura se caracteriza como lavoura de pobre.

Existem outras hipóteses para o problema, como a falta de assistência técnica e de apoio do Estado, isso contribuiu para o surgimento de outras culturas como a citricultura com a produção de laranja. Por outro lado, existe uma mudança estrutural sobre o mercado do fumo a nível mundial e sobre a organização do parque fumageiro. Trata-se da chamada

revolução tecnológica, com o surgimento da grande empresa oligopólica multinacional A *British American Tobacco*, através da sua subsidiária CIA Souza Cruz.

Nesse contexto o objetivo principal dessa monografia é avaliar quais foram as causas que levaram a esse processo de crise. Para atingir os objetivos acima enunciados, foram coletadas informações secundárias em dissertações de mestrado, revistas especializadas, relatórios, documentos técnicos etc, assim como houve levantamentos diretos de dados primários, através de entrevistas realizadas com os responsáveis nos estabelecimentos empresariais do ramo, como também a lavradores que plantam fumo na região do Recôncavo Baiano.

A estruturação do texto foi feita da seguinte forma:

No 1º capítulo Considerações Gerais Sobre a Atividade Fumageira, enfoca-se um breve histórico do fumo, características do Recôncavo Baiano e ,por fim ,peculiaridades da cultura do fumo que vai abranger aspectos climáticos, como também de que forma é realizada a produção e o tipo de sistema produtivo em que esse produto está inserido. Nesse capítulo também são apresentadas as principais regiões produtoras da atividade fumageira.

No capítulo 2, Aspectos Estruturais do Sistema Agro-exportador do Fumo apresentam-se aspectos fundamentais para o entendimento do sistema agro-exportador do qual o fumo faz parte, como por exemplo como é o uso da mão-de-obra , se é intensiva, especializada, como também a estrutura fundiária, se a plantação do fumo se dá em grandes ou pequenas propriedades e como esse aspecto influencia no processo produtivo. Outros pontos são tratados como a comercialização e o sistema de crédito.

No terceiro capítulo, aborda-se a crise na agro-indústria fumageira ,tecendo-se um paralelo entre a fase de prosperidade do fumo, a época de crise. Mas o ponto chave desse capítulo e do trabalho monográfico está nas causas que levaram essa cultura a decadência. Procurar-se-á mostrar quais foram os impactos da crise na economia do Recôncavo Baiano,

ou seja, as conseqüências desse processo de crise para a economia local. Existem muitas variáveis que podem ser analisadas, número de empregos ou postos de trabalho , o rendimento médio das áreas plantadas, o volume das exportações de folhas de fumo, um dos principais produtos que o Recôncavo trabalha.

Por fim, o último capítulo reside em um grande questionamento sobre o futuro dessa . Trata-se da discussão se existe ou não perspectivas de revitalização da atividade fumageira , apesar das vantagens comparativas que existem no Recôncavo em relação ao fumo, Porém, observa-se que essa atividade não conseguiu avançar no processo de modernização do parque industrial do fumo, seja por que não houve incentivo do governo ou pelo fato da concorrência mundial dessa atividade ter se tornado bastante acirrada com países como EUA, Índia . Nesse capítulo será exposto que existe uma demanda a ser explorada que é o consumo de charutos nos EUA, pois o Brasil ocupou o décimo lugar em valor exportado para os Estados Unidos nos anos 1995. Apesar do lugar ocupado pelo produto brasileiro, houve uma variação de 59.73 % positiva, embora o Brasil tenha apenas 0.3 % de participação nas vendas do mercado americano em 1997. Ou seja, existe um mercado muito vasto a ser explorado que é o americano, mas para isso os charutos baianos precisam obedecer a qualidade exigida por eles.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ATIVIDADE FUMAGEIRA NA BAHIA

2.1 BREVE HISTÓRICO:

A origem geográfica do fumo tem dado motivo a várias controvérsias entre os estudiosos. A maioria dos historiadores e botânicos concordam em afirmar que o fumo é nativo do continente Americano.

“A América é por conseguinte não só o habitat originário e privilegiado do fumo, como foi quatro séculos atrás, o seu centro de irradiação na sua expansão geográfica pelo mundo. Não se tem notícia de qualquer outro vegetal que se haja espalhado pelo mundo com tanta rapidez como o fumo”. (Nonato Marques, 1975, p 25).

“Os primeiros cultivos de fumo para charutos na Bahia foram feitos a partir de 1757 no município de Cachoeira por interferência do Conde dos Arcos e com orientação do espanhol André Moreno, esse cultivo substituiu o do fumo-de-corda que daí, expandiu-se para o Nordeste do país”. (Epstein, 1996, p 01).

O fumo constitui uma importante riqueza, cuja cultura se desenvolveu, desde os tempos coloniais, na região do Recôncavo, no Estado da Bahia, como cultura subsidiária do açúcar, uma vez que era utilizada no tráfico negreiro.

O fumo que se destinava ao tráfico de escravos era de inferior qualidade, enquanto que o tabaco mais fino era reservado ao comércio com a metrópole, daí a cessação do tráfico de escravos e a política fiscal Portuguesa que onerava os preços e mais a concorrência dos produtos similares, provenientes das colônias inglesas, do fumo na Bahia.

Mas a cultura do fumo prosseguia no Brasil e os seus negócios de exportação tiveram ritmo ascendente, durante o século XIX e primeiras décadas do século XX. A partir do século XVIII, o fumo em folha começou a substituir o fumo em corda. O fumo em folha

cobriu toda área antes ocupada pelo fumo em corda e este último ficou restrito às áreas do sertão para suprir o seu mercado interno. O fumo em folha ficou voltado para o mercado externo.

A alta qualidade do fumo Brasil - Bahia fez com que o produto conquistasse a exigências de um mercado sofisticado como o Europeu. Desta forma, esse fumo passou a ser constantemente exportado para a Europa, onde se destinava a produção de charutos. “Apesar da existência de unidades industriais, produtoras de charutos, no Recôncavo, a maior produção do fumo produzido é destinado em folha ao mercado Europeu. Da parte não exportada em folha, que é de cerca de 30% da produção, é transformada em charutos, e desta produção acabada, cerca de 60% é exportada”. (**Azevedo,1986, p 19**).

Em termos comerciais, o fumo-em-folha representa mercado que cria várias oportunidades de câmbio internacional. A folha do fumo é utilizada para preparo de cigarros, cigarrilhas, charutos, rapé, fumo-de-corda e folha e caule para extração da nicotina. “Quanto à produção mundial de folha de fumo, 75% da produção mundial provem de nove países, são eles: China, EUA, Índia, Brasil, Turquia, Zimbábue e outros”. (**Epstein, 1996, p 01**).

Existem várias formas de consumir o fumo, como os cigarros, charutos, cigarrilhas, etc. Todavia a produção do fumo na região Nordeste destina-se à confecção do fumo para cachimbo, para mascar, rapé, e a principal utilização sob a forma de cigarros, feitos com o próprio fumo de corda picado, e enrolado posteriormente em papéis os quais são selados com saliva após receberem a forma de cigarros e daí então consumidos. O fumo ainda pode ser utilizado como inseticida, pois a planta possui nicotina que atua, pôr contato, asfixiando os insetos sugadores.

2.2 CARACTERÍSTICAS DA ÁREA DO RECÔNCAVO BAIANO.

O Recôncavo Baiano é a área do estado da maior cultura do fumo pois é nele que se processa com maior intensidade todo o fluxo de comercialização e todo o processo de industrialização do fumo.

A microrregião do Recôncavo Baiano, segundo a CONDER, é composta de 36 municípios, entre eles destacam-se: Cruz das Almas, Cachoeira, São Felix, São Felipe, Muritiba, São Gonçalo, Santo Antônio de Jesus, Sapeaçu, etc.

Em média, a população do Recôncavo representa 22% da população do estado da Bahia, conforme censo de 1996. A densidade demográfica do Recôncavo alcança 164 habitantes por Km². Do ponto de vista climático, o Recôncavo está subdividido em três faixas, segundo a classificação de KOPEN. A primeira abrangendo o recôncavo Norte, com característica de clima quente e úmido com pouca chuva no verão e chuvoso no outono e inverno. A Segunda, abrangendo os municípios do planalto com características de clima chuvoso, quente e úmido. A terceira e mais extensa, abrangendo municípios nas zonas Norte, planalto sul, com características de clima de floresta tropical, quente e úmido, sem estação seca e com índice pluviométrico superior a 1000 mm.

A precipitação pluviométrica para o Recôncavo Baiano, varia de 800 a 2300 mm, sendo que entre estes dois extremos, há uma gama bastante variada de índices.

Quanto ao relevo, no geral é bastante acidentado, com exceção das áreas esparsas situadas em algumas zonas de planaltos, sobretudo em terrenos de tabuleiros.

Várias são as tentativas de definição do Recôncavo, considerando a zona fisiográfica mais importante da Bahia não só por sua grande significação histórica e social, como também pela relevância que representa para a economia do Estado.

Sob um ponto de vista genérico, entende-se por Recôncavo Baiano aquela faixa de terra que circunda e que é banhada pela Baía de Todos os Santos. O conceito de Recôncavo varia de acordo com o enfoque sob o qual é analisado, de modo que se fala de um recôncavo geográfico, de um recôncavo histórico e de um recôncavo sociológico.

A abordagem relevante no aspecto geográfico é mostrar que existem zonas de produção de fumo no estado da Bahia, O Recôncavo fumageiro teve origem no século XVII como contraponto da economia escravocrata do açúcar, implantada nas terras de massapê do Recôncavo, desempenhando a cidade do Salvador, como porto de embarque, a função de centro polarizador de toda uma região, cujas fronteiras econômicas não cessaram de ampliar. A região fumageira da Bahia colonial limitava-se a uma pequena parte da zona do planalto do Recôncavo, localizada em área que hoje corresponde a uma parte dos municípios de Cachoeira e São Felix.

Com o desenvolvimento da antiga lavoura fumageira colonial a partir do século XIX, dá-se a expansão dos limites territoriais da antiga região fumageira colonial, ampliando-se na zona do planalto, tanto em direção ao sul, como no norte.

Por outro lado, em sua expansão territorial, enquanto atividade, a lavoura do tabaco ultrapassou os limites do Recôncavo e veio instalar-se em outros pontos do estado. Todavia as lavouras implantadas em áreas distintas do Recôncavo tinham como destino principal a produção artesanal de fumo em corda para comercialização no mercado interno nacional.

Atualmente a produção baiana de fumo está dispersa no estado, em que recebem as seguintes designações : Mata ,– em que cujos limites está compreendida grande parte dos municípios que se acham situados no Recôncavo; Feira, Caatinga - que é uma zona de transição entre recôncavo e o Sertão - que é a quarta zona.

As diferenças entre os produtos dessas procedências são sensíveis e servem elas para base da classificação adotada. O fumo da “mata “é leve, de sabor agradável e ótima

combustibilidade. As folhas são finas, elásticas e resistentes. A cor é típica e mais ou menos uniforme. É de um castanho escuro inconfundível.

Essa região tem subdivisões segundo classificação dos fumicultores em: Mata fina e Mata Sul (ao sul do rio Paraguaçu, tendo como divisa entre as duas o município de Santo Antônio de Jesus), Mata Norte (ao norte do rio Paraguaçu até a zona de abrangência de Irará).

O fumo da caatinga se caracteriza pelo seu sabor fortemente pronunciado. É um fumo grosseiro, de coloração bastante escura.

O tipo feira é o que mais se aproxima do tipo mata. As folhas são mais grossas, de nervuras médias, porém possuem boa elasticidade e boa resistência. O fumo que se classifica sob a rubrica de sertão procede de uma grande zona do estado, a cor é irregular, e o cheiro é bastante forte.

Enfim, é importante evidenciar a existência dessa classificação na produção do fumo que é determinante na qualidade do produto é conseqüentemente no seu mercado consumidor e na formação do preço.

2.3 CARACTERÍSTICAS SOBRE A PLANTA DO FUMO.

“O fumo é uma planta da família das Solanaceas, gênero Nicotiana. Pode atingir até dois metros de altura, possui caule ereto, suas folhas são alternadas, lauceoladas, pubescentes, grandes, cujo comprimento varia de 30 a 70 Cm e a largura de 8 a 15 Cm. Suas flores dispostas em cachos ou paniculas variam de cor de acordo com as espécies e variedades, podendo ser brancas, róseas, amarelas ou vermelhas, tem a forma afunilada. Tanto o caule como as folhas secretam uma substancia de cheiro característico” (**Banco do Nordeste, – 1970, p 10**).

Como já foi citado, o fumo pertence ao gênero *Nicotiana* com três sub-gêneros- *Rústica*, *Tabacum* e *Pet Unoides*, apresentando cerca de 60 espécies, das quais apenas três possuem maior interesse econômico.

1. *Nicotiana rústica* - que formam os tabacos fortes por excelência, tem taxa de nicotina superior a 4% e são utilizadas para extração deste alcalóide que é usado como inseticida. As culturas mais importantes estão localizadas na Europa e na África.

2. *Nicotiana Alata Link et Otto* - do sub-genero *Petunoides*, seção *Alatae* cultivada no Irã e na Turquia.

3. *Nicotiana Tabacum L* - espécie polimorfa de sub-gênero *Tabacum* secção *Generineae*, com grande número de variedades, compreendendo a maior parte dos tabacos comerciais.

Certas espécies são ornamentais. As duas espécies mais importante são: "*Nicotiana Tabacum*" e "*Nicotiana Rústica*".(**op.cit,p 13**)

Entre os vegetais destinados à indústria, é o que apresenta o mais extenso domínio geográfico, pois apesar de ser uma planta incapaz de resistir as geadas, dado seu curto período de desenvolvimento, pode ser cultivada, muito bem em regiões de temperaturas amenas e intensivo. Pelas condições que requer a sua cultura é considerada planta de regiões tropicais e subtropicais, encontrando-se na maioria dos países Americanos, onde se obtém fumo de alta qualidade.

“ A temperatura tida como ótima para o fumo varia de 18° e 27° dando origem a clima quentes e úmidos. O solo é de constituição silico-argilosa e com ph 5,0 a 6,3 e tem notável preponderância sobre a qualidade do produto. As terras, chamadas leves, concorrem para a obtenção de folhas finas de sabor agradável, de fácil combustibilidade, o que não se verifica nos solos compactos, onde o produto é sempre grosseiro, prestando-se

mais a fabricação do fumo em corda que tem um grande consumo entre as populações do interior.” (Marques, op. Cit, p 35.).

O preparo do solo para a cultura do fumo, como toda planta de ciclo vegetativo curto e sistema radicular desenvolvido, requer um terreno cuidadosamente preparado. A assistência técnica tem orientado os fumicultores no sentido de adotarem práticas elementares de conservação do solo, tais como: Queimada em época apropriada, rotação de cultura, uso da adubação, cultivo em curva de nível, aração a pouca profundidade.

Uma boa safra do fumo depende da adubação que se promoveu no solo. Como, os nossos solos são pobres, faz-se necessário que sejam convenientemente adubados. Por ser a cultura do fumo uma das mais exigentes em termos de adubação equilibrada, a falta ou excesso de qualquer elemento do solo pode acarretar sérios prejuízos ao crescimento da planta, qualidade do produto, secagem imperfeita e fermentação incompleta, causando alterações no gosto, aroma, coloração e combustibilidade. (Marques, op.cit,p37)

Outro fator que influi na qualidade do produto é a luminosidade, afetando o teor de nicotina das folhas, de tal maneira que os fumos finos para a capa de charuto ou para cigarros(de menor teor de nicotina), são cultivadas em regiões de baixa luminosidade , ou então exigem medidas especiais para diminui-la.

Muitos órgãos de pesquisa trabalham para melhorar a qualidade do fumo, destacando-se, no Brasil a EMBRAPA. O grande número de variedades é obtido através de hibridação. O próprio plantador, voluntária ou involuntariamente tem contribuído através de cruzamento, provocados ou casuais, para o surgimento de certas variedades comerciais

2.4 O SISTEMA PRODUTIVO DO FUMO.

A fumicultura na Bahia é uma atividade composta de várias operações e, em todas elas o uso da mão-de-obra é bastante intenso com participação expressiva no custo de produção. Portanto a viabilidade da lavoura do fumo se faz dentro de um quadro de economia familiar onde a mão-de-obra de crianças e mulheres é utilizada desde o plantio até a colheita. Poucos são os produtores que utilizam a tração animal para plantio, tratamentos culturais e uso de adubos e fertilizantes é restrito a uma minoria, assim como o controle de pragas e doenças.

A produção do fumo passa por várias fases que serão descritas a seguir:

a) Produção de mudas: Tem como objetivo preparar plantas jovens de fumo para o estabelecimento da lavoura. É uma operação dispendiosa.

As sementes de fumo são lançadas em sementeiras - canteiro de terras, ou outros recipientes, previamente misturadas a um diluente sólido - areia fina, cinza fria de madeira, outros. Cinco a sete dias após o semeio dá-se a germinação e a sementeira vai precisar de irrigação.

Entre 40 e 50 dias após a germinação as plantinhas, são mudas, aptas ao transplante para a formação do fumo. A muda deve ter, pelo menos quatro folhas bem desenvolvidas, caule curto e grosso, abundância de raízes, ser vigorosa e sadia. Para os espaçamentos da cultura do fumo são requeridas entre 20.000 a 29.000 mudas para plantar um hectare e mais 20% para necessidades de replante.

b) Produção de folhas: Fase de crescimento em “campo” ou local definitivo onde a planta desenvolverá o produto comercial.

Logo após o transplante a muda necessita de irrigação e controle de pragas, de doenças e replante, para ser completo o seu estabelecimento.

Então o fúmal sofrerá tratos interessantes para a produtividade da lavoura e a qualidade das folhas tais como capinas, limpeza da planta, adubações, capação (fumo para charutos escuros), desolhas, controle de pragas e doenças, colheita no estágio ideal de maturação da folha, entre outros pontos. Fumos para charutos escuros são produzidos ao ar livre em terrenos de textura média a textura leve; fumos para capas claras requerem terrenos e cultivo em ambientes sem incidência direta dos raios solares. Fumos para cordas são cultivados em locais sob insolação direta intensa e de terrenos de médios a pesados.

A produção de folhas começa a partir de 60 dias pós plantio e pode-se estender além dos 150 dias - Fumos para Charutos e até por 2 anos - Fumo-para-corda. A maturação é identificada pelo aparecimento de manchas amarelas.

c) Produção de sementes: Essa etapa visa assegurar a formação de mudas para o plantio do ano seguinte. Dentro do fúmal são eleitas plantas vigorosas, com características de interesse comercial. Essa plantas recebem os mesmos tratos do resto do fúmal à exceção da capação e delas não se colhem folhas até a completa formação das “maças” (Frutos), para segurar bom tamanho e vigor das sementes.

Uma vez formados, os cachos com flores são protegidos com saco de papel permeável para assegurar a auto-fecundação da flor buscando-se a manutenção dos caracteres comerciais desejados. Crê-se que a produção beneficiada de sementes são suficientes para produzir 35000 mudas necessárias para o plantio / replantio de um hectare de fúmal.

Um grama de sementes de fumo pode conter 8000 a 15000 sementes.

Entre os fatores limitadores da produção de fumo destacam-se: terrenos intensivamente utilizados, sementes / mudas de má qualidade, práticas culturais inadequadas, colheita e beneficiamento mal feitos.

Depois da produção de sementes, segue-se a colheita. Entre 80 a 120 dias após as sementes terem sido semeadas em canteiros; as folhas do fumo começam a mostrar sinais de que estão no ponto de corte.

“ O fumo começa a amadurecer quando as folhas verde-escuras tornam-se amareladas, caídas para baixo e com os bordos enrolados. O aroma modifica-se, surgem manchas amarelas no limbo, e as folhas tornam-se pegajosas (o cerol, que é o líquido proveniente da planta, acentua-se).A folha fica mais dura e, tocando-se com os dedos, ela se rompe, fazendo um ruído; os fumos maduros exalam um cheiro forte principalmente nas horas quentes do dia. A colheita deve ser feita em dias enxutos e ensolarados” (**Fraga, 1986, p 47**).

“ A colheita na região do Recôncavo é feita cortando-se o pé por inteiro, tendo-se o cuidado de durante desocamento que é o arranque das socas , deixar uma só que irá formar a nova planta. Em outras regiões produtoras a colheita do fumo de corda é feita folha por folha da parte mais baixa para a parte mais alta da planta, retiram-se em média de 4 a 5 folhas por corte, a depender de sua maturação” (**Ibid, p 48**).

Após efetuada a colheita, as folhas do fumo de corda são submetidas ao processo de secagem., que consiste em se retirar o excesso de água contida nas folhas.

Ao mesmo tempo se processam modificações de natureza físico-químicas mais ou menos profundas, que contribuem para dar ao fumo suas qualidades de aroma, combustibilidade e sabor.

O fumo, após cortado, fica algum tempo no chão da malhada, onde ocorre a murcha inicial do pé, logo em seguida é recolhido e levado para secar em varais ao sol ou ceva. Estes varais ao sol são construções rústicas, em forma de cerca, onde os pés serão amarrados ou então em varas paralelas. A secagem dura, em média 15 dias. Durante todo esse período o produtor deve permanecer vigilante para evitar ocorrência de chuvas sobre o fumo.

É fundamental para a qualidade final do produto que este processo se verifique normalmente com temperaturas altas de dia e médias durante a noite.

A próxima etapa é a do beneficiamento do fumo, que compreende as operações decorridas logo após a colheita até o momento da comercialização- desde o produtor ao exportador ou indústria.

A esse processo dá-se o nome de cura e consiste em deixar o fumo entre 90 a 120 dias em galpões secos e sobreados para que ocorra a fermentação. Esta operação para o fumo de corda exige do executor habilidade e muita prática. Tão logo as folhas encontram-se secas, são destaladas (retirada da nervura principal da folha), antes são previamente umedecidas em galpões cobertos e inicia-se o processo de formação da corda. Depois são formadas as bonecas que são arranjos de 4-5, folhas juntas, geralmente as folhas menores e as rasgadas são cobertas pôr uma capa de melhor aparência.

Estas bonecas são interligadas entre si de forma que da união das bonecas resulte a corda propriamente dita. Esta corda será enrolada em várias que formarão bolas- ou rolos.

Confeccionada a corda e colocada em rolo, o fumo sofrerá o processo de cura, que consiste na perda de 75 % de umidade das folhas. Durante a fermentação, o fumo de corda desenvolve a cor, aroma, sabor e combustibilidade devido às profundas transformações físico-químicas que se verificam. Estando as folhas bem úmidas, o trabalho de fermentação é bem ativo, de modo que para evitar o apodrecimento do fumo, os rolos são expostos ao sol por algumas horas. A proporção que o fumo vai murchando e diminuindo a fermentação, a corda torna-se mais compacta e com menor diâmetro. Lá para o fim do processo de cura, começará a escorrer um líquido denso e escuro que deve ser recolhido em uma vasilha e despejado sobre o rolo, de modo que a corda ao secar fique superficialmente uma espécie de verniz escuro, brilhante. O local onde este fumo é submetido à fermentação deve ser abrigado dos ventos e a temperatura e umidade serem estáveis. Quando terminar a cura, o fumo pode ser enrolado de duas formas : em rolo propriamente dito ou em grades.

A corda ou rolo, por sua vez, deve ser coberto com *pseudo-caule* da bananeira, ou com pano de algodão grosso e costurado.

O armazenamento deve ser feito em galpões cobertos e protegidos da umidade, ventos e poeira. Ainda durante esta fase, o fumo deve ser “desandado” de vez em quando e durante todo o tempo que durar o armazenamento. Essa fase consiste em manter o fumo em temperatura ideal controlado por termômetros, quando essa temperatura se eleva além do normal o fumo é “virado” para que não sofra combustão. Esse trato tem por finalidade conservar a delicadeza, transparência e maciez exigidas pelo mercado consumidor . A última etapa consiste na escolha e seleção das folhas, de acordo com tamanho e enfardamento.

INOVAÇÃO NO SISTEMA PRODUTIVO – SISTEMA *FLOAT*

O sistema foi desenvolvido nos EUA e adaptado para pequenas propriedades no Brasil pela Souza Cruz a maior vantagem oferecida é a economia de mão-de-obra no preparo e transplante das mudas. Mas não é só isso o *float*, esse sistema permite a produção de mudas mais uniformes e reduz a necessidade de agrotóxicos, como o brometo de metila utilizado para prevenir o aparecimento de patógenos, nematóides e ervas daninhas. O problema é que o produto afeta a camada de ozônio , razão pelo qual foi firmado um acordo mundial para que seu uso seja completamente abolido em 2 010.(**Globo Rural, jan/99, p 8**)

O custo de produção de mudas pelo *float* é de 12 a 13 % mais alto do que em canteiros de terra, o que seria compensado pelo aumento da sanidade e da produtividade da cultura.

Os canteiros para o *float* são feitos com bordas de tijolos, em módulos de 10,5 por 1,45 metro. Essa moldura é recoberta por plástico preto, formando uma piscina que é cheia com água até a altura de 3 centímetros. Arcos de aço galvanizados são montados sobre os canteiros, para sustentar o plástico de cobertura. A cortina do túnel protegerá as mudas

contra chuva, frio e vento intensos, sobre a água, são dispostas 60 bandejas de isopor, cada uma com 200 células ou divisões; estas são preenchidas com substrato especial e semeadas. Cada célula recebe uma única semente, peletizada para facilitar o manuseio. **(Ibid, p 09)**

O sistema float é uma ótima ferramenta para a fumicultura é econômica e ecologicamente vantajoso se comparado com o método tradicional de produção de mudas.

2.5 REGIÕES E MUNICÍPIOS PRODUTORES.

As regiões produtoras de fumo estão divididas em quatro : Mata, Feira, Caatinga e Sertão. Como já foi dito. Sendo que a região da Mata é dividida em três : Mata Fina, Mata Norte e Mata Sul.

A região de mata fina e mata sul (a sul do rio Paraguaçu, tendo como divisa entre as duas o município de Santo Antônio de Jesus), Mata norte (ao norte do rio Paraguaçu até a zona de abrangência de Ipirá) e o Sertão (municípios das regiões Nordeste da Bahia e da Chapada Diamantina), segundo o IBGE as principais regiões produtoras da Bahia estão expressas no quadro, com suas respectivas contribuições na produção estadual.

QUADRO 1: Produção em toneladas de fumo em folha na Bahia e suas
Respectivas participações na produção estadual, por regiões produtoras – 1997/1998

MICRORREGIÕES	ANOS			
	1997	1998	MÉDIA	%/total
FEIRA DE SANTANA	4.189	3.297	3.743	39,8
CRUZ DAS ALMAS	1.782	3.300	2.541	27,0
CACHOEIRA	1.637	1.273	1.455	15,5
ALAGOINHAS	365	346	356	3,8
OUTRAS	1.657	985	1.321	14,0
TOTAL	9.630	9.201	9.416	100,0

Fonte: IBGE/SEAGRI , 1996

QUADRO 2 : Principais regiões produtoras de fumo na Bahia e respectiva especialização
da produção

TIPO DE PROCESSO	REGIÕES ECONÔMICAS
Para charutos escuros	3-Reconcavo Sul 7-Paraguaçu 2-Litoral Norte
Para capas claras	3-Reconcavo Sul
Para corda ou rolo	6-Nordeste 8-Sudoeste 10-Piemonte da Diamantina 12-Chaada Diamantina

Fonte: IBGE/Secretaria da Agricultura - 1996

QUADRO 3 : Principais municípios produtores de fumo da Bahia por região econômica.

REGIÃO	MUNICÍPIOS PRODUTORES
Região Econômica 2	Alagoinhas , Ouriçangas, Pedrão
Região Econômica 3	Cruz das Almas , Sapeaçu, Muritiba, Governador Mangabeira, Santo Antônio de Jesus, São Miguel das Matas, Cabaceira do Paraguaçu.
Região Econômica 6	Antas, Cícero Dantas, Ribeira do Pombal , Fátima, Novo Triunfo.
Região Econômica 7	São Gonçalo dos Campos, Feira de Santana , Antônio Cardoso, Irará, Santo Estevão, Conceição do Jacuípe, Teodoro Sampaio, Conceição de Maria.
Região Econômica 8	Anagé, Vitória da Conquista .
Região Econômica 10	Senhor do Bonfim , Antônio Gonçalves.
Região Econômica 12	Brotas de Macaúbas, Boninal, Boquira, Ipupiara, Iraquara, Palmeiras e Seabra .

Fonte: PAM – IBGE/Secretaria da Agricultura 1996

Nota - Os municípios principais das áreas produtoras estão em **destaque**.

3 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO SISTEMA AGRO-EXPORTADOR DO FUMO.

3.1 ANÁLISE DO SISTEMA AGRO-EXPORTADOR

O sistema agro-exportador é formado pelos produtores de fumo, empresas agrícolas, pelas fábricas de fumo e pelos armazéns de fumo, onde se processa o beneficiamento do produto, isso tudo voltado prioritariamente para o mercado internacional, onde há grande predomínio de empresas estrangeiras e conseqüentemente a presença intensiva do capital estrangeiro.

O que existe no Recôncavo Baiano é a implantação diretamente das zonas produtoras e a nível mundial, de unidades de compra e beneficiamento de fumo em folha, sob o comando de corporações fumageiras multinacionais. Que tem como condição ser unidades diretamente supridoras de plantas industriais instaladas na Europa.

Assim é que foi montada toda uma estrutura marginal para atender as grandes corporações internacionais. Nas empresas agrícolas será cultivado o fumo, nos armazéns de beneficiamento é executado trabalho de tratamento do produto, sendo que a produção na sua maioria é financiada pelas empresas.. Ou seja, a produção é vendida mesmo antes de ser colhida, mas não paga. E a terra pertence ao lavrador, sendo que aquela produção pertence a empresa estrangeira que o lavrador é cadastrado seja ela Dannemann, Fumex, Ermor, dentre outras. A maioria das empresas não tem plantação própria. No armazém, boa parte desse já sai dali para ser exportado, estando ele todo prensado, sendo comercializado em toneladas pronto para ser industrializado, ou já transformado em charutos nas fábricas locais, mas a grande maioria do fumo é exportado em folhas e transportado através de navios para os grandes portos da Europa como Amsterdã, etc.

O processo de fabricação pode ser manual, semi-manual e mecânico, e vai influir juntamente com o tipo e combinações de fumo, para atender o mercado consumidor que é

bastante exigente com relação a sabor , odor do fumo , assim devem ser empregadas folhas finas, capas claras e um cuidado muito especial na confecção.

3.2 USO DA MÃO-DE-OBRA

A utilização da mão-de-obra na produção fumageira é bastante intensa. A cultura do fumo viabiliza-se dentro de uma quadro de economia familiar, com um grande número de mulheres. A mão-de-obra masculina fica na execução de tarefas como manejo de máquinas e tratores, o enfardamento e prensagem, armazenamento e transporte do fumo.

A concentração da mão-de-obra feminina na indústria fumageira tem precedentes antigos em outros países e outras épocas.

As mulheres irão realizar trabalhos que os homens não aceitam fazer. Assim a mão-de-obra feminina é complementar, uma mão-de-obra marginal, ou seja, essa mão-de-obra feminina, estará apenas preenchendo a lacuna deixada pelo homem ao recusar esse tipo de atividade.

A questão da utilização maciça da mão-de-obra feminina para as atividades fumageiras se deve a maior habilidade da mulher para o tipo de trabalho a ser executado, como também devido a escassez de mão-de-obra masculina.

A mão-de-obra feminina ocupa 90% do total da força de trabalho empregada no setor. Em função da baixa capacidade reivindicatória a mulher é submetida a níveis inferiores de habilitação com salários também inferiores.

Então a mulher ao invés de se constituir em uma fonte de desemprego, estará apenas preenchendo a lacuna deixada pelo homem ao recusar esse tipo de atividade.

Em matéria de potencial de , existem diferenças entre as modalidades de organização empresarial, em uma unidade de beneficiamento, nos períodos de pique de trabalho não se

emprega mais que 600 pessoas. Já no empreendimento agro-industrial utiliza-se na fase de processamento da produção, cerca do dobro desse contingente, cerca de 1200 pessoas. Há que se considerar nesta comparação, a circunstância de que os tipos de fumo processados são diferentes.

Por outro lado, quando se analisa o potencial de emprego sob o ângulo da sazonalidade, as diferenças existem, mas são menos marcantes; No caso do empreendimento agro-industrial por força da integração entre as etapas de beneficiamento e de produção agrícola, cerca de 60 % do seu permanente em torno de 1800 pessoas. Já nas unidades das empresas comerciais é possível operar no máximo durante 10 meses. Há diferenças de remuneração da força de trabalho, enquanto nas empresas comerciais a totalidade do pessoal “safrista” do sexo feminino é remunerado à base do salário mínimo pagando-se um pouco mais (1,5 salário mínimo) apenas aos poucos homens que operam o enfardamento nos empreendimentos agro-industriais têm mais de 30 % do seu contingente recebendo remuneração acima do salário mínimo, podendo atingir o teto de 6 salários mínimos, dependendo da qualificação do serviço e isso ocorre inclusive em certos trabalhos de campo. Ainda em relação aos salários, enquanto nas fábricas de charutos o trabalho é pago com salários, por hora ou por tarefa, conforme a atividade exercida pelo operário, na lavoura do fumo e na zona agrícola de subsistência que é às vezes complementar.

Dentro do armazém de fumo existem vários níveis hierárquicos, como o mestre do armazém que é responsável, o contramestre, os auxiliares que são responsáveis pelo recebimento do fumo, os agentes/compradores que são quem avaliam o fumo, os orientadores que são os técnicos agrícolas. Esses funcionários são fixos e recebem entre 3 a 7 salários. E existem também os safristas.

Enfim, a fumicultura para se tornar um negócio viável necessita a utilizar de uma mão-de-obra especializada e operar num contexto familiar, onde da criança e até a mulher fazem parte do processo produtivo. Isso contribui para amenizar a crise de trabalho no campo e conseqüente reduzir a favelização das cidades. Mas em contrapartida, tem-se um grande problema social na agroindústria fumageira, que é a utilização do trabalho infantil,

o que já é uma preocupação dos órgãos ligados a essa atividade. Uma prova disso é o programa “O futuro é Agora” que busca erradicar a mão-de-obra infantil na lavoura do fumo.

O programa busca encaminhar todas as crianças de até 14 anos, que por imposição do trabalho não frequentam a escola, à rede de ensino, afastando-as da rotina familiar na terra.

Essa campanha terá início em Santa Cruz do Sul, onde são instaladas as maiores indústrias de processamento de fumo e produção de cigarros do Brasil.

Um problema que preocupa aqueles que vivem do trabalho nos fumais, que não são só crianças, como mulheres e homens, são as doenças que a nicotina causa. Uma pesquisa feita pelo ABIFUMO mostra que 69% das crianças que trabalham diretamente com o fumo sofrem de problemas de saúde, principalmente problemas respiratórios. Como não existe um controle rigoroso por parte do governo o trabalho infantil é muito presente nessa atividade isso faz com que essas crianças deixem de ir à escola para ajudar no orçamento doméstico, mas esse fato não é exclusivo da atividade fumageira e sim de muitas outras atividades econômicas realizadas no país.

3.3 A COMERCIALIZAÇÃO DO FUMO.

O início do comércio do fumo se dá na metade do século XVII, quando a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais deu-lhe novos mercados. O fumo tornou-se um dos artigos preferidos como meio de troca no tráfico de escravos e, daí, o intenso comércio que se deu entre a Bahia e a Costa do Marfim , Angola e Benguela.

A dinâmica da comercialização do fumo, a forma como se estrutura e se realiza, só pode ser entendida como parte do processo de produção.

A comercialização do fumo se caracteriza e se diferencia do processo dos demais produtos, pela limitação rígida do mercado do produto, incapaz de absorver uma maior oferta, cujas manufaturas são inelásticas ao preço, ou seja, bens cuja diminuição nos preços, decorrente de uma maior produção, não provoca, relativamente, alterações substanciais na procura.

A elevação dos preços de fumo em folha, decorrente de demanda insatisfeita, incorpora no ano seguinte, um número maior de agricultores na cultura do fumo, gerando superprodução.

Assim os fumicultores são forçados a vender seu produto por preço mais baixo, pois com um aumento da oferta os compradores podem forçar uma baixa desses preços.

A comercialização do fumo tem suas particularidades como já foi citado uma característica é a inelasticidade do produto, outro elemento é a presença forte das empresas exportadoras (estrangeiras), na sua maioria que possuem armazéns de beneficiamento do fumo.

“ A comercialização do fumo em folha é realizada na sua quase totalidade diretamente pelo produtor e os armazéns pertencentes as firmas exportadoras, em virtude dos financiamentos concedidos pelos exportadores ao produtor, este para a maioria dos fumicultores que tem procurado outras alternativas agrícolas, fica vinculado ao armazém que lhe concede um financiamento e, na época da comercialização, o fumo é entregue ao armazém, sendo descontado do valor apurado com a venda o financiamento concedido”.
(SUPLAN,-1977, p 23).

Sendo que os armazéns das firmas exportadoras prestam toda assistência aos fumicultores, desde as mudas, aos adubos até a assistência dada por agrônomos que na grande maioria são do sul do país, a preparação do solo, através da sua análise, seleção das mudas e acompanhamento da planta até a sua colheita.

Existe um número limite de pequenos produtores cadastrados pelas empresas exportadoras, pelo qual existe toda uma avaliação de tamanho de área, solo, condições climáticas, enfim todos os fatores necessários para um bom plantio. As empresas exportadoras financiam até 30 % da produção, sendo que esse financiamento é pago através da produção.

O pequeno produtor pode vender a sua safra em parte menor a compradores avulsos – o intermediário.

Apesar da uniformização da fumicultura regional, na figura do micro-lavrador despossuído, podem-se identificar, ainda hoje, duas modalidades em relação ao mercado comprador. Tais são : 1) o lavrador de vendas diretas aos “armazéns” das empresas exportadoras(armazéns que correspondem às atuais agências de compra), 2) o lavrador que somente se relaciona com o mercado comprador através de “intermediários-coletores” .

Esses dois tipos de padrão de lavradores está bastante ligado a dois fatores distintos mas que interagem num processo único. Um tem a ver com escalas de produção, o outro, com a atitude dos fumicultores perante o mercado.

O fator escala manifesta-se, segundo as exportadoras, não interessa a elas, comprar diretamente de produtores volumes abaixo de 20 arrobas anuais, ou 300 Kg/safra. Por outro lado, observa-se que, somente no patamar de 50 arrobas anuais, é que o fumicultor se relaciona, com as agências das empresas. Nesse casos, o mais freqüente, é a relação se dar já não mais em função de se comercializar exclusivamente produção agrícola própria, por ter reduzido bastante, esses volumes comercializados, passou a ser significativa a parcela de fumos de terceiros, constituída pela reunião do produto de muitos micro-fumicultores.

Assim, por definição, dada a escala de operação, tem barrado o lavrador ao acesso direto aos armazéns. Mas, a questão não é apenas esta. Pois quando o lavrador planta sua

gleba de fumo, já o faz em função de compromissos de fornecimento, assumidos com a clientela que conhece, em sua comunidade, e da qual depende economicamente .

Nesse ponto não é relevante nos aprofundar no perfil do micro-lavrador do fumo e nem quais foram as alternativas que essa classe buscou como forma de sobrevivência, isso será abordado em outra circunstância o que importa nesse momento é como é realizada a comercialização da atividade fumageira e quais são os aspectos que compõem esse comércio.

O processo de comercialização do fumo sofre muitos entraves, primeiro a baixa produtividade verificada na cultura do fumo, a rentabilidade por unidade produtiva não tem sido compensadora para sua sobrevivência.

O fumo na Bahia é comercializado, predominantemente, em folhas com percentual variável entre 70 e 80 sobre total negociado, os restantes 30-20% comercializados sob forma de cordas ou rolos.

Comercialmente a cultura do fumo pode ser dividida em quatro grupos:

- a) Fumo para charuto(seco ao ar) ;
- b) Fumo para cigarro(seco em estufa) ;
- c) Fumo para corda, rapé e mascar(seco ao sol);
- d) Fumo aromático para cachimbo.

Em relação ao mercado de fumo temos que distinguir o de fumo em corda e de fumo em folha para a região em estudo.

O mercado de fumo de corda, tem no município de Arapiraca, em Alagoas, o seu maior fornecedor, é basicamente consumido dentro do país, verificando-se esparsas exportações para o exterior.

As vendas são à vista, em casos especiais, a prazo, no entanto, não ultrapassam 30% do valor produto transacionado.

O transporte é por conta do comprador, sendo utilizado o sistema rodoviário.

A embalagem é feita com aniagem, que cobrindo os rolos, protege o produto.

Alguns produtos utilizam a proteção de plásticos, mas eleva o preço.

O processo de comercialização do produto é apresentado no Anexo II

O fumo em folha tem um mercado diverso do fumo de corda; destina-se à exportação.

A maior parcela de fumo em folha é de produção baiana. É na Bahia onde se produz o melhor fumo nacional para exportação. Mais de 90% do produto se destina ao exterior, principalmente Espanha, Alemanha, França, Dinamarca, Holanda, Suíça e Suécia.

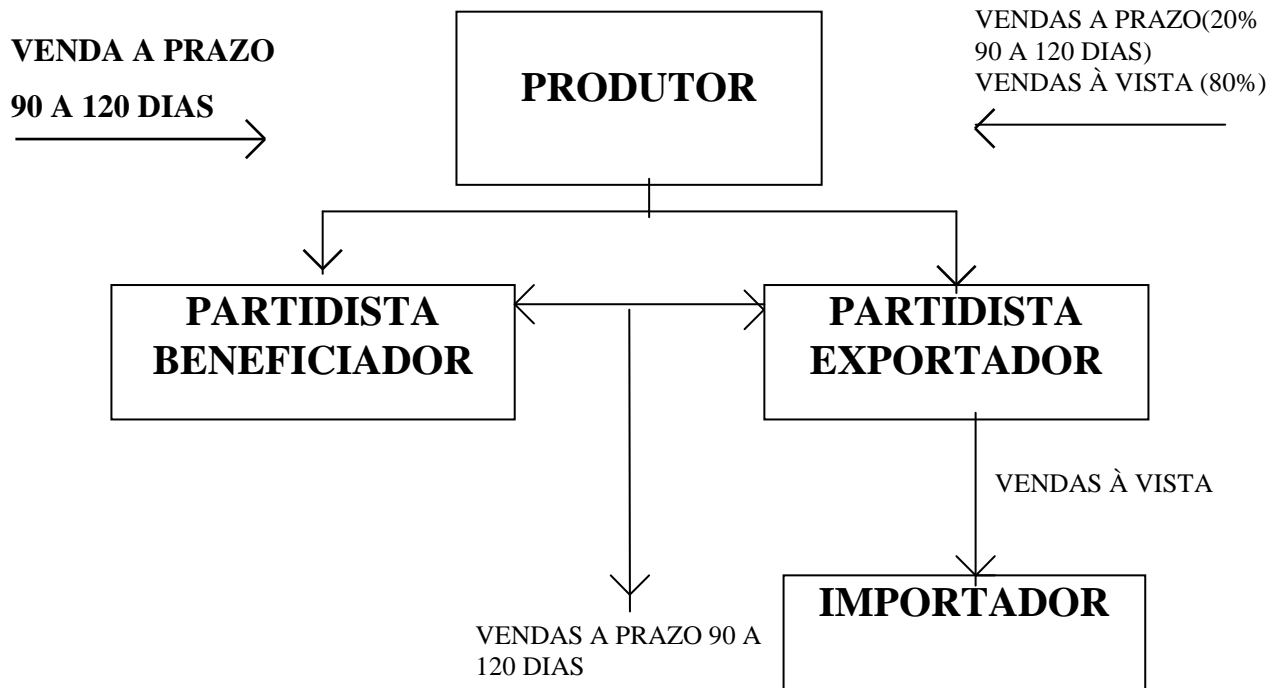
A comercialização do fumo em folha apresenta, as seguintes características :

As vendas, aos intermediários locais são geralmente cerca de 80%, à vista enquanto que as para o exterior, são feitas sempre à vista.

O transporte é por conta do comprador. Utiliza-se a rodovia no deslocamento interno, exportando-se para o exterior por via marítima.

O acondicionamento é feito em fardos prensados e recobertos de aniagem.

A produção do fumo em corda difere do fumo em folha a partir da colheita, quando o produtor é obrigado a usar processos de secagem diferentes. O esquema de comercialização se estrutura da seguinte maneira.



A comercialização do fumo em folha é desenvolvida através de canais distintos. O primeiro é aquele em que o produtor mantém transações como o partidista, que funciona como concentrador e intermediário-beneficiador da produção, registrando-se geralmente, vendas a prazo, que varia de 90 e 120 dias, tanto nas relações entre produtores e partidistas, como entre partidistas e exportadores.

A segunda alternativa de comercialização do fumo em folha é desenvolvida pelos produtores, em suas transações com os exportadores que exercem também a função de beneficiador do produto. As vendas à vista representam 80% das relações comerciais desses agentes da comercialização. As demais vendas são realizadas a prazo, que a semelhança do fluxo anterior, variam entre 90 e 120 dias.

Após ser processado e acomodado em fardos, o fumo em folha é exportado, em sua maioria, para o exterior, com transação cujo pagamento é feito à vista .

O mercado interno absorve aproximadamente 10% do fumo em folha produzido pela área.

As variedades de fumo mais cultivadas são :

1. Fumos suaves(para charutos) Sumatra, Havana, Florida, Brasil-Bahia.
2. Fumos amarelos(para cigarro) Virgínia Bright, Amarelinha e Santa Cruz.
3. Fumos fortes(corda) Crioulo , Goiano, Kentucky, etc.

3.4 ESTRUTURA FUNDIÁRIA

A estrutura fundiária da atividade fumageira tem como principal característica que a produção é realizada através de pequenos produtores agrícolas. Até a década de 50, predominavam os grandes produtores de fumo, que dedicavam a essa atividade a sua maior atenção na fazenda.

A produção de fumo em folha no nordeste brasileiro dá-se em pequenas propriedades agrícolas familiares. Verifica-se, uma concentração naqueles estratos com áreas inferiores 5 ha , conforme se visualiza no quadro IV.

Quadro 4 - Estratificação da produção nordestina de fumo em folha em termos de área ocupada, número de produtores e respectivas produções, 1996.

Estratos de Área	Área Ocupada (ha)	Nº de Produtores Informantes	Produção (t)
< 1 há	5.055	10.221	5.518
1 ≤ 2 há	6.680,46	8.150	7.011
2 ≤ 5 há	8.880,23	7.774	9.232
5 ≤ 10 há	4.568,08	3.081	4.697
10 ≤ 20 há	3.420,29	1.774	3.496
20 ≤ 50 há	2.639,79	1.124	2.725
50 ≤ 100 ha	1.385.103	387	1.461
100 a 200 ha	979,28	145	1.127
200 a 500 ha	359,41	51	412
500 a 1000 ha	243,13	12	218
1000 a 2000 ha	2,00	1	2

Dados: IBGE. Censo Agropecuário, 1996.

Conforme foi mostrado no quadro acima a maior contribuição é dada pelo estrato produtivo de 2 < 5 , provavelmente isso se deve no fato de que este dispõe de maior poder aquisitivo, tem o acesso facilitado a assistência técnica prestada pelas firmas exportadoras/industriais, além de ser mais receptivo às inovações tecnológicas e ao uso de insumos modernos.

Por ocupar área de plantio e produzir em maior escala, esse segmento utiliza-se do assalariamento eventual de mão-de-obra na realização de tratamentos culturais e na colheita, ampliando a sua eficiência produtiva.

O sistema de exploração, tem por base a agricultura dita familiar, onde o fumo, nos minifúndios, divide a área de exploração com outras lavouras, geralmente alimentares. Nesse contexto, a maioria é de pequenos produtores (72,80%), embora coexistam arrendatários (8,84%), parceiros (1,28%) e ocupantes (17,08%) situação que se verifica no quadro 2,a seguir.

Quadro 5 - Classificação dos produtores de fumo em folha do nordeste do Brasil no tocante a Forma de Exploração e sua Contribuições Relativas, 1996.

Categoria	Produção (t)	Área Colhida/Percentual	
		(há)	%
Proprietários	25.53	24.908,84	72,80
Arrendatários	3.72	3.024,10	8,84
Parceiros	430	437,93	1,28
Ocupantes	6.21	5.843,32	17,08
TOTAL	35.90	34.214,17	100,00

Dados: IBGE. Censo Agropecuário, 1996.

A área total explorada depende, dependem diretamente da demanda mundial pelo produto e que a razão da grande quantidade de pequenas propriedades foi devida a vários fatores :

a) Ser grande produtor de fumo não implicava necessariamente ser proprietário de grandes extensões de terras.

b) A atividade econômica da cultura e a proximidade a Salvador, levaram a região a ser densamente povoada.

c) A crise fumageira provocou o desestímulo à exploração pelos proprietários e , muitos deles, sem outra alternativa econômica, não conseguiram manter suas propriedades e aqueles que as mantiverem não mais são fomicultores, principalmente com o aparecimento da citricultura e da pecuária.

Assim, a produção do fumo é hoje uma atividade exclusivamente de pequenos proprietários e meeiros.

Daí, levantasse a seguinte questão: Por que, o pequeno produtor e o meeiro permanecem nessa atividade ?

Uma hipótese que se tem frente a esta indagação é pelo fato do fumo constituir moeda, quando o fumicultor se dirige a pequenos quitandas e trocar fumo(menos de 5 Kg) por alimentos e outros produtos de sua subsistência. E por último, à vinculação do produtor ao proprietário das terras.

3.5 ASSISTÊNCIA TÉCNICA- ATUAÇÃO DO IBF.

A importância representada pela cultura do fumo para a economia nacional, como fonte de divisas, e pelo fato da Bahia ser o maior produtor de fumo do país, é que foi criado em 1935 o Instituto Baiano do Fumo com o objetivo de fomentar e dar assistência à cultura fumageira no estado.

O IBF foi criado para dar assistência e fomentar a lavoura do fumo no estado da Bahia, tinha como única fonte de receita uma “taxa de fomento” cobrada no ato da exportação, taxa essa fixa até 1964 e ad-valorem ou percentual a partir daquele ano.

No início de sua existência, o órgão teve recursos suficientes para instalar uma série de campos em vários municípios fumageiros e por alguns anos, desenvolveu algumas atividades úteis à lavoura , contudo à medida que o tempo foi passando e a inflação cada vez maior comprometeu a receita do instituto.

Nessa época a receita do IBF que era fixa foi se tornando insuficiente para atender às necessidades do órgão. Com isso, o Instituto reduziu o seu volume de trabalho e passou a executar serviços em função das suas disponibilidades financeiras, que se reduziu

a cada dia, até que em 1962 a direção do órgão não dispunha sequer de recursos para o pagamento integral dos salários de seus funcionários.

Essa situação se reverte com nomeação do Dr José Alberto Passos, o instituto entrou em nova fase, a receita elevou-se foi dividida a região produtora de fumos em duas zonas: à margem direita e à esquerda do rio Paraguaçu, instalando em cada uma delas uma resistência com sedes, respectivamente, em Cruz das Almas(1 residência) e Feira de Santana(2 residência). Houveram instalação de postos de produção de mudas, cuja finalidade era produzir mudas sadias e de excelente qualidade, bem como demonstrar a técnica que deve ser utilizada para obtenção de boas mudas.

Quando chegava a época do plantio, os fumicultores se dirigem aos postos mais próximos às suas plantações e adquirem a quantidade de mudas que necessitam a um preço acessível.

Paralelamente, desenvolvia-se um trabalho de orientação por parte dos agrônomos aos agricultores, isso é feito durante todo o ciclo da cultura.

O IBF, que tinha uma responsabilidade grande de assistir à cultura do fumo no estado, foi aos poucos reduzindo suas atividades, se restringindo a área do Recôncavo. Convém salientar que o órgão sofreu um processo de degradação institucional que é comprovada pelos dados a seguir de um levantamento realizado em fins da década revelam o seguinte : 34,8% dos produtores o desconhecem completamente ; 35,6 % afirmam não atuar em áreas contra 25,4 % que afirmam ser a função do Instituto vender mudas (13,5 %) e distribuir sementes (11,9 %), 4,2 % afirmam que a função do Instituto é ceder áreas de plantio. Conclui-se, que o Instituto Bahiano do Fumo é desconhecido para 70,4 % dos produtores de fumo, e a pesquisa e a assistência técnica quando relacionada com o processo de produção o Instituto apresenta uma significação inexpressiva.(**IBF-CEPA,1980,p26**)

QUADRO 5:Análise da atuação do Instituto Baiano do Fumo

ATUAÇÃO						
CATEGORIA DE PRODUTOR	Não Atua (%)	Desconhece o Órgão (%)	Vende Mudanças (%)	Distribui Sementes (%)	Cede Área p/ Plantar (%)	Total (%)
Proprietário	30,1	38,6	19,3	10,8	1,2	100,0
Parceiro	28,6	57,1	-		14,3	100,0
Arrendatário	66,7	13,3	-		20,0	100,0
Posseiro	25,0	50,0	-		25,0	100,0
Outros	44,5	11,1	-	22,2	22,2	100,0
TOTAL	35,6	34,8	13,5	11,9	4,2	100,0

FONTE: Levantamento de Campo - IBF/SIC/CEPA - 1979

O Instituto Baiano do Fumo sobreviveu até 1983, quando passou a ser o Instituto de Fomento Agrícola e Instituto Baiano de Desenvolvimento Florestal e Recursos Naturais por interferência do estado esses institutos substituíram o IBF, mas limitaram as atividades a fomento da cultura pela produção e distribuição de mudas e sementes de fumo Brasil-Bahia.

Em 1989 com extinção desses institutos a secretaria da agricultura arcou com o ônus da produção e distribuição de sementes/mudas. E a partir de 1994 foi transferido a EBDA a responsabilidade da produção das mudas de fumo.

3.6 SISTEMA DE CRÉDITO.

Os recursos financeiros são fundamentais à atividade fumageira , principalmente os oriundos de estabelecimentos bancários, especialmente os oficiais.

O volume de crédito aplicado no sistema produtivo tem razão direta, a quantidade produzida de fumo.

O tipo de crédito que exerce maior influência é o custeio, especialmente os recursos destinados às compras de insumos, dos quais os adubos representam a maior parcela. Mas os recursos do crédito rural destinados à fumiicultura são extremamente escassos e seletivos.

Esta situação criou mecanismos subjacentes de financiamento da produção que passaram a se constituir nos canais institucionais, 57,5 % dos agricultores afirmaram não receber financiamento, entenda-se que estes agricultores não incluíram os empréstimos pessoais feitos aos proprietários e comerciantes, nem os insumos que receberam.

Apenas 10,2 % dos agricultores afirmaram ter recebido financiamento do Banco do Brasil e destes, 91,7 % são proprietários. Os restantes (30,5 %) receberam financiamento do armazém (que financia todas as categorias de produtores menos os posseiros), do proprietário e de parentes.(**Ibid, p 28**)

QUADRO 7 : Categorias de produtor e fontes de financiamento Salvador – 1979

CATEGORIAS DE PRODUTOR	DE QUEM RECEBE FINANCIAMENTO					TOTAL (%)
	NÃO RECEBE (%)	BANCO DO BRASIL (%)	ARMAZÉM (%)	PROPRIETÁRIO DO IMÓVEL (%)	PARENTES (%)	
Proprietário	51,8	13,2	33,8	-	1,2	100,0
Parceiro	71,4	-	28,6	-	-	100,0
Arrendatário	60,0	-	33,3	6,7	-	100,0
Posseiro	75,0	25,0	-	-	-	100,0
Outros	88,9	-	11,1	-	-	100,0
TOTAL	57,7	10,2	30,5	0,8	0,8	100,0

FONTE: Levantamento de Campo - IBF/SIC/CEPA - 1979

Conforme pode-se visualizar no Quadro 7 as distintas categorias de produtor ou não recebe financiamento ou na sua maioria recebe financiamento pelo armazém , ou seja, da empresa exportadora. Sendo que esse financiamento é de até 30 % do total que é

plantado, esse financiamento serve para os lavradores comprarem defensivos, adubos, as empresas dão assistência técnica com o trabalho de agrônomos nas plantações , que eles chamam de roça. Outro fato é que a única classe que não recebe financiamento dos armazéns são os posseiros.

O sistema de financiamento da cultura do fumo tem características particulares. De fato, 50% dos produtores de fumo não se beneficiam dos preços de mercado uma vez que esses preços são negociados no momento do financiamento, havendo, portanto uma defasagem de no mínimo seis meses.

4 A CRISE NA AGRO-INDÚSTRIA FUMAGEIRA E OS IMPACTOS NA ECONOMIA DO RECÔNCAVO.

Desde a constituição como sistema agro-exportador, a economia fumageira do Recôncavo da Bahia possui uma história que é dividida em quatro períodos(**Bandeira, Ramos,1990,p30**)

- 1) Formação : Desde o final da primeira década do século XIX até as proximidades de 1870;
- 2) Expansão e auge : Compreende o intervalo entre 1870 e as duas primeiras décadas do século XX.
- 3) Estagnação e decadência : com limites pouco precisos, abrangendo os anos situados entre a 1 e 2, pós guerra entre o começo dos anos vinte e final dos anos quarenta
- 4) Crise estrutural prolongada : Iniciando-se após o final da 2 guerra. A seguir será mostrada a fase de prosperidade do fumo.

4.1 A FASE DE PROSPERIDADE DO FUMO.

A origem da cultura do fumo no Brasil e na Bahia tem precedentes da época em que, o país ainda era colônia. E alcançou um prestígio tão grande que a coroa resolveu torna-lo monopólio real.

Tal monopólio vigorou durante longos períodos, com algumas intermitência de comércio livre.

Com a formação do Estado nacional brasileiro, e a eliminação dos dispositivos restritivos do “exclusivo colonial” de comércio monopólico, e ainda com a suspensão progressiva de proibição às atividades manufatureiras, a lavoura do fumo ganhou novos impulsos internamente. Mas continuava ainda com sua dependência estrutural ao comércio escravista. Este continuava sendo uma atividade essencialmente ligada à lavoura, sem possuir independência como objeto de comércio.

Tendo tais elementos, pode-se entender a mudança estrutural sofrida pela lavoura fumageira colonial do Recôncavo. A partir de 1850 quando reduziram as possibilidades de lucro com o comércio escravista, esta lavoura passou a ocupar áreas cada vez mais extensas no planalto é que, já então, durante toda a Segunda metade do século XIX, esta lavoura fumageira já não tem mais como destino principal o comércio escravista, e sem o mercado manufatureiro de fumo, então florescente na Europa. Com isso o Brasil passou a ter, no Recôncavo da Bahia, com base na lavoura fumageira, um elemento importante na pauta de exportação que contrabalançou as expressivas reduções sofridas nas exportações do açúcar produzido no Recôncavo, que já enfrentava a competição de outros centros produtores como Antilhas e os Açores.

As atividades relacionadas com lavoura, comércio e indústria do fumo na Bahia, desde os seus primeiros dias não sofreram solução de continuidade. E apesar dos períodos estacionários a exploração econômica dessa cultura se firmou como uma das principais fontes de receita.

Há uma coincidência entre o auge do sistema agro-exportador de fumo e a crise na economia açucareira do Recôncavo da Bahia, sobretudo no intervalo de 1870/1900, por conta disso, o fumo assumiu neste sub-período a condição de segundo lugar na pauta de exportações, alcançando até a primazia em alguns anos.

Trata-se de um sistema de produção/comercialização articulado tendo como produto uma matéria-prima industrial – o fumo beneficiado, demandado pela indústria manufatureira do fumo. No caso, uma matéria-prima objeto de uma corrente de comércio exportador que é liderada por grandes empresas mercantis estrangeiras que baseadas

sobretudo na Alemanha organizaram aqui no Recôncavo da Bahia todo um sistema de comercialização externa que subordinou não só os lavradores de fumo, mas toda uma extensa camada de intermediação.

O Brasil já figurou como o principal produtor mundial de tabaco, posição hoje ocupada pelos Estados Unidos. Atualmente é o Brasil o primeiro da América do Sul e o quinto na escala de produtores mundiais. As regiões no país que se destacam são Rio Grande do Sul, Bahia, Alagoas e Santa Catarina.

A alta qualidade do fumo Brasil-Bahia fez com que o produto conquistasse as exigências de um mercado sofisticado como o europeu. Desta forma, este fumo passou a ser crescentemente exportado para a Europa na forma de folha beneficiada ou na forma de charutos- subproduto mais nobre da fumicultura e de maior valor agregado, gozando de excelente prestígio nos mercados internacionais, face a sua qualidade, enquadrada entre as melhores do mundo.

Forma-se um parque manufatureiro de charutos, que continua sendo formado por capital mercantil importador, sediado na Alemanha , constituindo tais manufaturas , atividade meramente complementar, subsidiária do comércio exportador.

Além disso constituem um parque com uma estrutura empresarial de propriedade bastante concentrada, composto por poucas manufaturas de médio e de grande porte, todos sob o controle de exportadores ou grandes comerciantes de fumo, e uma grande maioria de micro-unidades de caráter artesanal que trabalhavam mediante encomenda dos estabelecimentos maiores.

Assim é que as exportações tiveram um ritmo ascendente durante todo o século XIX e primeiras décadas do século XX.

Os dados a seguir mostram que o fumo, não obstante a cessação do tráfico negro e da perda de mercados, se manteve crescente na parte das exportações.

QUADRO 8: Evolução das exportações brasileiras de fumo , 1821/30 – 1931/39

PERÍODOS DECENAIS	QUANTIDADE (T)	VALOR (\$ 1000)	VALOR MÉDIO(\$/T)	%DO VALOR TOTAL DA EXP
1821/30	42.409	988	23,3	2,5
1831/40	45.454	942	20,7	1,9
1841/50	46.230	974	21,1	1,8
1851/60	80.126	2679	33,4	2,6
1861/70	126.539	4567	36,1	3,0
1871/80	176.535	6870	38,9	3,4
1881/90	198.831	6033	30,3	2,7
1891/900	211.812	6296	29,7	2,2
1901/10	278.941	11467	41,1	2,4
1911/20	279.616	17754	63,6	2,6
1921/30	336.834	16659	49,5	2,1
1931/40	279.521	5472	19,6	1,6

FONTE : IBGE

Conforme podemos visualizar o período que as exportações brasileiras do fumo apresenta seu ápice é entre 1921-1930 com exportações na faixa de 336.834(t). Sendo que na próxima década já existem sinais de declínio com queda de 17% nas exportação.

Berço da manufatura brasileira de charutos, que floresce ainda no século XIX experimentando prosperidade entre 1870 a 1930 a Bahia viu surgir firmas como a Costa Ferreira & Penna, a Stender & Cia, a Dannemann, a Suerdick, a Vieira Mello e outras que vieram mais tarde, que alternam em sua trajetória períodos de apogeu e de decadência, com sérios reflexos nas economias dos municípios produtores.

4.2 A CRISE : CAUSAS E EFEITOS.

O conceito de crise em economia liga-se à compreensão de fenômenos que suscitam em mudanças de natureza estrutural. O que pode variar é o alcance de tais mudanças e sua profundidade.

É preciso, reter elementos estruturais do sistema agro-exportador fumageiro para que exista um entendimento do período de crise, são eles : As grandes firmas importadoras alemães eram o polo dominante do sistema, atuando como financiadoras da atividade exportadora, sediada em Salvador, e através de empréstimos para construção de estradas e trechos ferroviários, exercendo assim um controle abrangente sobre a vida econômica regional.

Houve permanência durante sessenta anos, entre 1870 e cerca de 1930, de um mesmo grupo dominante no comércio exportador de tabaco da Bahia : alguns poucos comerciantes, geralmente alemães, portugueses, eram sócios entre si de umas poucas firmas sucessoras, de propriedade brasileira, alemães, portugueses que continuam mantendo em sua atividade exportadora, já agora como empresas nacionais, contatos estreitos com importadores da Europa, sobretudo na Alemanha, contatos sob a forma de linhas de crédito especiais.

Na grande fase de decadência e crise que se inicia no intervalo entre as duas guerras mundiais, marcadamente a partir dos anos trinta, houve um primeiro período de retração de mercado, no qual se desorganizaram as principais praças compradoras. Porém a mudança estrutural de maior alcance sobre o mercado do fumo a nível mundial, e sobre a organização de todo o parque fumageiro nacional brasileiro no sistema agro-exportador fumageiro do Recôncavo Baiano. Trata-se da chamada revolução tecnológica da indústria cigareira, iniciada nos EUA a partir de 1890 marcada pela mecanização fabril, tal revolução tecnológica se fez acompanhar pôr uma radical mudança nos hábitos do público fumante com deslocamento de extensas parcelas do mercado de charutos em favor do consumo de cigarros.

A principal mudança da revolução tecnológica da indústria cigareira foi o surgimento da grande empresa oligopólica multinacional que era apoiada na aliança entre o capital industrial e o capital bancário, passando a deslocar o capital mercantil.

Esse deslocamento do capital mercantil do segmento cigareiro processou-se em escala mundial.

No Brasil, em 1920 com a implantação de uma subsidiária do grande *trust* anglo-americano(A British American Tobacco) iniciou-se o processo de destruição do parque nacional manufatureiro do fumo, com impactos diferenciados nos seus dois segmentos - o de cigarros e de charutos.

É inevitável se fazer uma indagação frente ao fato citado acima, como a desestruturação do parque manufatureiro da cigareira nacional promovido no Brasil pelo *trust* aglo-americano, através da sua subsidiária CIA Souza Cruz contribuiu para minar o desenvolvimento da manufatura de charutos no Recôncavo Baiano, que reunia vantagens comparativas, considerando-se sua proximidade à região produtora de matéria-prima e a abundância de mão-de-obra barata. E que frente ao mercado consumidor urbano, e com um esquema de suprimento de matéria-prima garantido pelo polo produtor no Rio Grande do Sul, isso resulta que, no conjunto das exportações brasileira de fumo em folha, que até 1930 eram atendidas pela região produtora do Recôncavo na Bahia em cerca de 90 %, passaram a ganhar preponderância os embarques originários do Rio Grande do Sul, tendo alcançado na década de 70, posição sustentadamente majoritária.

Nesse mesmo contexto revelou-se a incapacidade das manufaturas de charutos sobreviventes no Recôncavo para promover o revolucionamento de sua estrutura produtora, principalmente quanto ao suprimento de matéria prima especial para as capas, permanecendo dependente de importações, que por força das restrições decorrentes da política nacional brasileira de industrialização haviam se tornado caras e proibidas.

Como resultado de todo esse processo é que se estabeleceu no Brasil um curioso esquema de convivência entre dois sistemas :

1.) Uma nova estrutura produtiva, de natureza agro-industrial, organizada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, sob o comando da subsidiária brasileira do truste fumageiro anglo-americano, garantindo o suprimento de um novo sistema exportador nacional e de um parque industrial cigareiro estabelecido em escala nacional.

2.) A velha estrutura agrícola do Recôncavo da Bahia, tributária de um capital mercantil que, embora tivesse perdido posição a nível mundial, continuava hegemônico frente às firmas exportadoras aqui na Bahia sediadas, e frente as manufaturas européias de charutos, de quem permanecia como fornecedor oligopólico obrigatório.

Isso é o que caracteriza o período inicial do processo de crise estrutural do sistema agro-exportador manufatureiro do Recôncavo da Bahia que toma impulso nos anos cinqüenta, quando se inicia a modernização da indústria charuteira européia.

Outro elemento decisivo no avanço da crise na agroindústria fumageira do Recôncavo foi a expansão da zona produtora de Arapiraca, no estado de Alagoas, região tradicional produtora de fumo de corda(uma linha de fumo comercializada exclusivamente no mercado interno é baseado em processos artesanais) tornou foco de ação de empresas exportadoras que visam diversificar suas compras com fumos mais baratos, buscando a redução dos custos. Apesar da predominância de minifúndios em Alagoas boa parte da produção é realizada por médios e grandes produtores, nos minifúndios ao contrário da Bahia, os produtores, em grande parte, são proprietários das terras que cultivam, não tendo que repartir sua produção com terceiros, assim o rendimento em Alagoas é maior.

Assim a agro-industria fumageira do Recôncavo Baiano não conseguiu avançar ao longo do tempo não atendendo as exigências do mercado consumidor, conseqüentemente perdendo a supremacia que tinha alcançado durante vários anos.

No atual século, no início da década de vinte, a produção da Bahia e do Rio Grande do Sul, representavam 55,27 % do volume total produzido no Brasil, alcançando 79,93 %.

Em 1930, a produção desses estados praticamente igualava-se: a Bahia produzia 39.90 mil t e o Rio Grande do Sul 30,34 mil t.

Além das diferenças atinentes ao tipo de fumo produzido e suas conseqüentes destinações, gradualmente estabelecia-se um diferencial tecnológico(**Nardi,1985, p 21**).

Como se não fosse suficiente a produção de fumo baiana continuou em queda atingindo em 1997 uma produção de 9630(t) que corresponde a 21,77 % em relação a 1965, existem até sinais de reação nos anos de 1973-1974, conforme tabela abaixo, porém nada que traga de volta o período de glória da cultura do fumo.

Quadro IX : Produção Baiana de Fumo em Folha, 1965-75/1988-98

ANO-SAFRA	PRODUÇÃO
1965	44.237
1966	37.365
1967	26.376
1968	29.328
1969	31.764
1970	30.395
1971	27.852
1972	29.171
1973	33.702
1974	31.863
1975	34.068
1986	14.147
1987	14.767
1988	17.552
1989	14.710
1990	10.549
1991	11.617
1992	7.583
1993	5.261
1994	11.250
1995	11.970
1996	12.944
1997	9.630
1998(1)	9.201

Dados : 1965-76 IBGE/SEPLANTEC in ABIFUMO (1996)

1986-1998 IBGE/SEAGRI

(1) Estimativa IBGE/GCEA

Assim ,nas últimas quatro décadas, a fumicultura baiana entra num processo de decadência em termos de volume de produção, rentabilidade e área colhida, inclusive perdendo a soberania no nordeste para Alagoas e distanciando extremamente do Rio Grande do Sul que desenvolveu seu processo produtivo, com o uso de tecnologia avançada , ganhando mercado gradativamente.

Conforme o quadro 10 abaixo, pode-se observar no ano de 1965 a Bahia participava em termos de produção com 72,37 % contra 27,63% de Alagoas. A partir de

1988 a produção de Alagoas passa a baiana produzindo 55 % da produção nordestina contra 36 % .

Em 1993, a produção baiana representava apenas 14 % do total da produção nordestina. Isso mostra o quanto a Bahia perdeu mercado, não tendo mais uma expressividade que tinha em tempos atrás, na atividade fumageira.

QUADRO 10 Participação dos estados da Bahia e de Alagoas na produção de fumo em folhas do Nordeste , 1965-93

ANO	NORDESTE	BAHIA		ALAGOAS	
		Produção (t)	Participação (%)	Produção (t)	Participação (%)
1965	61.122	44.237	72	16.885	28
1966	48.779	37.365	88	11.414	23
1967	34.355	26.376	77	7.979	23
1968	43.531	29.328	67	14.203	3
1969	47.616	31.764	67	15.852	33
1970	41.851	30.395	73	11.456	27
1971	42.939	27.852	65	15.087	35
1972	51.129	29.171	57	21.958	43
1973	55.475	33.702	61	21.773	39
1974	57.021	31.863	56	25.158	44
1975	51.687	34.067	66	17.619	34
1988	48.493	17.552	36	26.578	55
1989	39.858	14.710	37	22.085	55
1990	44.692	10.549	23	31.584	71
1991	37.225	11.615	31	22.152	5
1992	33.677	7.583	23	22.398	67
1993	38.652	5.261	14	28.896	75

Fonte: 1965-75 - IBGE/SEPLANTE (BA) e DEE (AL)

1988-93 - Anuário Estatístico do Brasil

4.3 AS EMPRESAS EXPORTADORAS DE FUMO E SEU PROCESSO DE CRISE.

A modalidade de empresa exportadora referida, trata-se de uma filial de grande empreendimento industrial charuteiro que se constitui do movimento de exportação de capitais, consiste na implantação, diretamente nas zonas produtoras e a nível mundial de unidades de compra e beneficiamento de fumo em folha, sob o comando de corporações fumageiras multinacionais elas se constituem em unidades diretamente supridoras de plantas industriais. Pois existe um movimento de absorção de firmas exportadoras tradicionais, comandado por empresas exclusivamente comerciais.

Esse movimento de fusão é decorrente do processo de crise que a agroindústria fumageira do Recôncavo-baiano vem atravessando pelos motivos que já foram citados anteriormente.

No início do processo de implantação as fábricas aqui instaladas eram pequenas verdadeiras manufaturas artesanais, que empregavam no máximo cinco operários, existindo, na primeira metade do século, cerca de trezentas. Já na segunda metade desse século, destacavam-se grandes manufaturas como a Costa Ferreira & Penna, a Dannemann, a Stender & Cia, A Vieira de Melo e a Suerdieck.

Em 1919, essas cinco firmas produziam 61,2 milhões de charutos, 48% do total nacional, participação que, no ano seguinte, salta para 75%. A Dannemann, em 1920, aumentou o seu capital com a entrada de novos sócios e fundiu-se com a Stender & Cia. A Suerdieck que já atuava no comércio-exportador e na indústria une-se à Vieira de Mello, em 1940 (**Nardi, 1985, p 35**).

Esse processo de absorção das firmas exportadoras tradicionais do Recôncavo resulta nas maiores empresas em termos de capacidade instalada, hoje atuantes no Recôncavo. São elas : a TABARAMA, a FUMEX e a ERMOR.

A TABARAMA, hoje comandada pelo grupo Universal, com sede nos EUA é fruto, no Recôncavo, de um ciclo de fusões que se inicia na Europa na década de sessenta e que se desdobra aqui somente a partir dos anos setenta. De fato, em 1972/1973 ocorre a incorporação da “ Exportadora de Fumos Suerdick”, até então de capital nacional, ao grupo COPATA-Cia Pan-Americana de Tabacos, com sede na Holanda. E em 1978, criou-se a “TABARAMA – Tabacos do Brasil LTDA.” Em 1984, ocorre na Europa a absorção, pelo mesmo grupo econômico, de uma outra firma holandesa que tinha atuação no Recôncavo, a IPHACO. Hoje elas tem atuação conjunta também no Recôncavo, mantendo-se a razão social da empresa líder a TABARAMA.

A “FUMEX” – Exportadora de tabacos LTDA formou-se em 1985, pela fusão de duas empresas, também estrangeiras, já com atuação anterior no Recôncavo. Uma , a “ Exportadora Transcontinental de Tabacos”, de origem norte-americana, é a sucessora da firma “Este Asiático”,

Mas recentemente, a Fumex entrou em entendimento com outra empresa estrangeira e concentrou suas operações em Arapiraca. Trata-se da “Tabacalera do Brasil”.

Finalmente a empresa “ERMOR- Indústria e Comércio de fumos LTDA”, formada em 1946. Essa empresa atuou no Recôncavo através da “Exportadora São Felix”.

Além dessas três empresas maiores atuantes no Recôncavo como novas exportadoras, tem-se hoje uma empresa de médio ou pequeno porte , é a CARL LEONI

A “Carl Leoni LTDA’ é uma empresa fundada no século XIX. Na Bahia começou a operar em 1938/39, tendo enfrentado muitas dificuldades no período da Segunda Guerra Mundial, passou a representar um papel importante na exportação de fumo da Bahia no período entre 1947 e 1955, mantendo posição destacada ainda no intervalo entre 1955 e 1965. A partir dos anos setenta, a firma sofreu problemas de direção.

A “TAMABA”- Tabacos Matos da Bahia LTDA” fundada em 1964 é uma das últimas empresas fumageiras formadas no Recôncavo. Naqueles anos, vivia-se aqui uma conjuntura de euforia que se mostrou curta decorrente da febre de compras promovida pela indústria charuteira norte-americana no embalo do boicote econômico ao fumo de Cuba, determinado pelo governo norte-americano. Porém essa empresa não resistiu e fechou , abrindo outra empresa com o nome Lee Cigar, fabricante de charutos.

Existiam ainda duas empresas organizadas exclusivamente com capital nacional. São “Amerino Portugal S.A” e a Brasília –Agro-Comercial e Industrial LTDA. A primeira empresa é originária do tradicional comércio exportador Bahia, foi uma empresa que resistiu a onda de metamorfose, isto é implantou-se simultaneamente na região produtora de Arapiraca e centralizando as suas unidades de beneficiamento. Em segundo, em paralelo desencandeou a empresa um movimento diversificatório em sua carteira de atividades.

Já a empresa Brasília Agro-Comercial e Industrial LTDA apresentava algumas diferenças marcantes, tanto em sua origem, como em sua evolução. Criada em 1963, devido a uma discussão entre os sócios da Dannemann. Mas, após a sua criação ela permaneceu todavia inativa por quase 17 anos, quando por volta de 1980, com a morte de um dos sócios a firma foi posta à venda, sendo adquirida por uma filha de falecido sócio. Essa empresa se especializou na confecção do fumo capeiro, que a seguir será mostrado como se processa a agro-indústria do fumo capeiro.

Essa empresa tinha algumas singularidades, era a única empresa na região e no país na preparação de fumos especiais para capa, na condição de supridora do segmento industrial charuteiro da linha de fumos claros. E seu sistema de comercialização baseava-se no regime de vendas mediante encomenda, com um ciclo de produção de dezoito meses, abrangendo uma etapa agrícola e uma etapa de beneficiamento. Tratava-se, assim, de um empreendimento de produção agro-industrial integrado (integração vertical).

Sua escala de produção, situava-se no patamar de 5000 fardos/ano, que permite-lhe um nível de faturamento anual na ordem de mais de 4 milhões de dólares.

Em termos do segmento agrícola, a área cultivada atingia o patamar de 400 ha, distribuída em 14 campos de produção, muitos deles descontínuos, com extensões nunca inferiores a 25 ha, todos localizados na região da mata fina abrangendo o território de vários municípios, que vão desde São Gonçalo dos Campos até Conceição do Almeida, tendo por centro Cruz das Almas. A tecnologia agrícola utilizada era de nível sofisticado, o preparo do solo era feito com tração mecânica, o emprego de adubação era sistemático, com base em análises de solo e há um processo permanente de seleção e aperfeiçoamento genético. O rendimento agrícola, tinha uma média de 1700kg/há , representava mais do dobro do alcançado no Recôncavo com o fumo Brasil/Bahia.

O sistema de secagem das folhas, era baseado no uso de estufas, que se constituiam de um conjunto de galpões, que ocupam uma área construída global de 120 mil m² .

No segmento da transformação havia um conjunto de galpões dotados de luz artificial, e ocupando uma área total de 7000 m², utilizado para o trabalho de fermentação. Para as operações de seleção, classificação e enfardamento era utilizado um sistema com equipamentos mecânicos, esteiras transportadoras e as prensas hidráulicas. Para completar existia um armazém frigorífico com capacidade para 2000 fardos e poder de conservação do produto por longo tempo.

Apesar das características que essa empresa apresentava, em 1996 foi fechada gerando um impacto muito grande na região, a demissão de 3000 empregos. De acordo com entrevistas com pessoas que trabalharam lá, muitos atribuíram o fechamento da empresa a má gestão do negócio. A pessoa que assumiu o comando da empresa era bastante jovem e trouxe pessoas jovens para administrar a empresa, porém sem experiência do negócio.

Já a empresa Suerdick , firma com 103 anos de existência tinha uma produção média de 15 milhões de unidades/ano de charutos. Além do setor manufatureiro, a Suerdick também dedica-se à produção de fumo em folha, com uma produção de 500 t por ano, exportando 90% e empregando os 10% restantes na fabricação de charutos, em sua manufatura, em Cruz das Almas, onde a produção ultrapassa 800 mil unidades por mês.

Internamente a situação financeira-administrativa da Suerdick é precária , segundo a vice-presidenta Gisela Suerdick, em função do endividamento, notadamente com o Banco do Nordeste S.A, devido ao financiamento prestado à sua subsidiária Agro Comercial Fumageira, desde 1993.

Devido ao processo de decadência que entrou a agroindústria fumageira essa atividade se concentrou nas mãos de poucas empresas com a produção em regime de oligopólio .

Existe um novo paradigma na estrutura de exportação do fumo com um número reduzido de empresas, em comparação ao que predominou até os anos cinquenta o prevalecendo o capital estrangeiro. A empresa exportadora constituiu-se como filial de uma grande grupo econômico industrial detentor de grandes unidades charuteiras mecanizadas na Europa.

A crise das empresas de manufaturas charuteiras do Recôncavo da Bahia se dá ao fato das empresas não terem empreendido, como as suas congêneres da Europa o fizeram no final da Segunda guerra mundial, o passo de sua modernização tecnológica . Permaneceram no estágio que se encontravam em 1920/1930 . Ainda na primeira metade da década de cinquenta ocorre o fechamento das unidades fabricantes de duas marcas tradicionais: a da “CIA de charutos Dannemann”, fundada em 1870, e que chegou a empregar um efetivo de 3000 pessoas, e o da “CIA Costa e Penna” com cerca de 800 pessoas.

Em meados da década de setenta esse processo de extinção gradativa da manufatura charuteira atinge um novo estágio. Em 1976, fecha as portas o empreendimento da “CIA Leite e Alves”, fundada em 1856. E em 1974/75, a CIA de charutos Suerdick é vendida ao grupo Melita, conforme já foi citado.

Nesse momento, o grupo MELLITA tenta uma estratégia empresarial apoiada no modelo da grande industria . Assim é que , apesar de manter a linha charuteira tradicional,

introduzem um processo semi-mecanizado na linha da cigarrilha, ao nível da preparação do “capote” do “enchimento”, permanecendo manual a colocação das capas. Implantou , mas por algum tempo apenas , uma linha de fabricação de fumo para cachimbo.

Em 1981, a MELLITA absorveu as duas últimas unidades manufactureiras de charuto que restavam no Recôncavo, possuidores de pequena escala e pertencentes a proprietários não mais vinculados ao comércio exportador de fumo. Havia uma expectativa de explorarem certas faixas de mercado para charuto, com a utilização dos canais de comercialização de que o grupo dispunha na Europa e nos EUA.

Mas a empresa não atentou para o problema crucial da qualidade da matéria-prima que é fundamental a exigência dos sabores e aromas do produto.

Em setembro de 1986, o grupo MELLITA convencido da inviabilidade do negócio de charutos no Recôncavo, desfez-se de todo o acervo das manufaturas que envolvem a venda, na Europa, de todas as fábricas mecanizadas de charutos/cigarrilhas de propriedade do grupo. E quem efetuou a compra de todo esse patrimônio , na Europa e no Recôncavo, é o grupo BURGER, que havia adquirido, também na Europa, as modernas plantas industriais da DANNEMANN LTDA (Alemanha, Suíça e Holanda).

No quadro a seguir tem-se as maiores firmas exportadoras de fumo de 1991-1995

QUADRO 11: Maiores firmas exportadoras de fumo da Bahia de 1991-1995

Tipo do fumo	1991	1992	1993	1994	1995
Capeiro n/ destalado	AGROCO(1), Dannemann, Fummex Tabaca-lera.	AGROCO, Fumex Tabacalera, Dannemann.	AGROCO, Fumex Tabacalera, Dannemann.	AGROCO, Dannemann Fumex Tabacalera.	AGROCO, Fumex Tabaca-lera, Tabarama Ermor
Qualquer outro tipo de fumo n/ destalado	Cacique, Carl Leoni, Danneman	Fumex Tabacalera, Carl Leini, Dannemann	Brasília, Ameri-no Portugal Tabarama	Fumex Tabacalra, Ermor Tabarama, Brasília	Fumex Tabacalera, Dancoin, Ermor / Tabarama
Capeiro p/ charuto total ou parcialmente destalado	Dannemann	Dannemann	Dannemann	Dannemann Brasília	Dancoin, Ermor Tabarama
Qualquer outro tipo de fumo total ou parcialmente destalado	Dannemann, Fumex Tabacalera, Amerino	Fumex Tabacalera, Ermor, Dannemann	Fumex Tabacalera, Ermor / Tabarama, Dannemann	Dannemann, Fumex Tabacalera, Emor Tabarama	Fumex Tabacalera, Dancoin, Ermor / Tabarama
Desperdícios de fumo	Tabarama, Ermor, Fumex / Tabacalera.	Fumex, Ermor, Dannemann	Fumex Tabacalera, Emor Tabarama, Carl Leoni	Tabarama, Carvalho Falcão, Dancoin	Carl Leoni, Dancoin, Ermor Tabarama
Charutos	Suerdieck, Menendez Americano	Suerdieck, Dannemann	Suerdieck, Dannemann	Suerdieck, Dannemann	Suerdieck, Menendez Americano, Dennemann
Fumo-em corda	Julio de Souza carmo		Julio de Souza carmo		Julio de Souza carmo

(1) Agrocomercial Fumageira

Fonte: Promoexport / Bahia

Secretaria da Agricultura / Ba.

1966

4.4 IMPACTOS DA CRISE NA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO.

O fumo já teve uma importância econômica muito forte para os municípios do Recôncavo Baiano.

Para o Brasil o fumo já representou divisas na ordem de US\$ 500 milhões, na Bahia já se constituiu um meio de vida para 150 mil famílias, 56 mil hectares/ano já foram plantadas e até 44 mil toneladas/ano já foram produzidos rendendo exportações de US\$ 60 milhões. da terra.

Hoje, o contexto nordestino, principalmente a Bahia é preocupante na medida em que o tabaco se transformou em meio de subsistência de mini-produtores cujo acesso ao crédito rural é vedado por não serem proprietários da terra. O tamanho reduzido dos estabelecimentos rurais favorecem a ação dos intermediários.

O comportamento da produção do fumo no Nordeste revela tendência declinante, pois a região que produziu pouco mais de 61 mil toneladas em 1965 não chegou a atingir 40 mil em 1993.

Assim é que temos uma queda não só na produção, como também na área colhida e no rendimento médio do fumo, como será mostrado no Quadro 12 a seguir.

QUADRO 12 : Área Colhida, quantidade produzida e rendimento médio do fumo folha na Bahia, 1965 – 1993

ANO	ÁREA COLHIDA(HÁ)	PRODUÇÃO QUANTIDADE (t)	RENDIMENTO (Kg/há)
1965	56.133	44.237	788
1966	49.529	37.365	754
1967	35.126	26.376	750
1968	37.717	29.328	778
1969	45.250	31.764	702
1970	92.750	30.395	711
1971	42.237	27.852	659
1972	43.932	29.171	664
1973	56.778	33.702	594
1974	42.484	31.863	750
1975	45.424	34.068	750
1988	23.630	17.552	742
1989	20.407	14.710	720
1990	16.943	10.549	623
1991	16.565	11.615	701
1992	15.371	7.583	493
1993	10.184	5.261	517

Fonte : Até 1975 : IBGE/SEPLANTEC – Bahia

1988-1994 : Anuário Estatístico do Brasil

Existe uma queda da produção de fumo na Bahia ano a ano , sendo que em 1993 a produção corresponde a 11,89 % de 1965. No início da década existe um pequeno sinal de recuperação , porém nada que perdure por muito tempo. Houve também uma queda brutal na quantidade da área colhida (há) , sendo que a área colhida em 1993 em relação a 1965 18,42 % , ou seja, houve uma queda de 81,58 %.Consequentemente houve uma queda no rendimento da terra , porém menor o rendimento de 1993 corresponde 65,61% do rendimento de 1965. . Isso tem um efeito “domino” na cadeia de produção do produto e conseqüências avassaladoras na economia da região, já que esse produto era a grande âncora da economia. Com essa crise iniciada desde a década de 30 e mais profundamente nas próximas duas décadas. Houve até uma recuperação na década de 80 , porém nada que voltasse aos tempos áureos da cultura, os produtores se dedicam a outras culturas como a citricultura, em particular a laranja, contudo essa cultura também não conseguiu se firmar por diversos motivos que não convém nos deter nesse trabalho.

Com a crise estabelecida , não existe mais aquela euforia na produção do fumo, como também da sua industrialização nessa região e com isso a tendência é das empresas instaladas nessa região entrem num processo de decadência e falência , conseqüentemente gerando a redução do número dessas empresas na região. E o que houve também foi o processo de absorção das grandes firmas exportadoras pelas menores em termos de capacidade instalada e hoje o que observa-se é a existência de cinco grandes empresas exportadoras na região.

Em 1996 com o fechamento da Agro-Comercial e Industrial LTDA teve um impacto muito grande na economia da região, pois isso significa a perda de 3000 empregos e na renda da maioria dos seus empregados que ficavam em torno de um salário-mínimo ou entre três salários e essa renda permanecia nos próprios municípios da região, seja no comércio local ou na prestação de serviços da região.

A Suerdick, outra marca responsável, pela extraordinária fama dos charutos brasileiros, fundada em 1893 em Maragogipe pelo também alemão August Suerdick, hoje luta pela simples sobrevivência. Quando, há sete anos, a empresa fechou sua fábrica-sede, que no auge empregava quatro mil funcionários e da qual dependia praticamente toda a população, a cidade sofre um colapso. “Somos uma cidade-fantasma” resigna-se dona Benedita Batista, que trabalhou na Suerdick como mestre charuteira durante 25 anos. Agora ela produz charutos sob encomenda no fundo do próprio quintal, mas sem entusiasmo . O espaço que a Suerdick deixou no mercado aos poucos está sendo ocupado também pelos charutos Amerino e Alonso Mendez. Uma das mudanças verificadas nesse sistema agro-exportador é a extinção dos chamados “enfardadores” e da introdução paulatina da sistemática de beneficiamento semi-mecanizado e centralizado.

As unidades de compra/beneficiamento pertenciam aos “enfardadores”. A mudança fundamental no padrão artesanal de operação que tem a ver, com a revolução tecnológica sofrida pela manufatura charuteira. Por força da mecanização progressiva do processo de trabalho, e do conseqüente aumento de suas escalas de produção e operação, a nova indústria charuteira emergente passou a exigir equipamentos mecânicos para fase final de seleção das folhas de fumo, com a introdução das chamadas “esteiras

transportadoras”, cuja utilização permitiu simplificar uma etapa do trabalho. Assim, essa semi-mecanização passou a requerer uma redução dos custos operacionais, e centralização do beneficiamento em unidades maiores.

Essa implantação de unidades centralizadas de beneficiamento, separadas dos pontos de compra e de reunião preliminar de matéria-prima, produz dois tipos de impactos. O primeiro é a criação de unidades complementares de beneficiamento especializado. A outra espécie de impacto refere-se à estrutura de emprego. Num primeiro momento, provocam desemprego nas cidades onde se localizam as unidades mistas de compra/beneficiamento. As novas agências, sendo exclusivas de compra, passam a trabalhar com um efetivo reduzido, utilizando o pessoal safrista. Já nas unidades centrais, ocorre a concentração do emprego. Num primeiro momento, logo após a implantação, essas centrais de beneficiamento provocam desemprego nas cidades onde se localizavam as unidades mistas de compra/beneficiamento.

Com a substituição definitiva do “enfardador” pelo agente de compras, passou a ocorrer uma acentuada dependência de suprimentos de matéria prima originários do micro-lavrador, face ao rápido escasseamento do lavrador familiar pequeno proprietário.

Duas mudanças já citadas anteriormente que são visíveis nos padrões de operação é a redução dos volumes comercializados de fumo e redução do número de empresas. O primeiro fenômeno ocorre no bojo de um processo de transformação estrutural no comércio mundial de fumo e se manifesta através de um movimento de absorção das empresas. Já a quebra dos volumes comercializados, de uma exportação da ordem de 300 mil fardos/ano , na média histórica dos anos cinqüenta e sessenta, passa-se para o patamar de 100 mil fardos/ano, no intervalo dos últimos 10 a 15 anos.

Outro elemento fundamental das transformações na estrutura de classe da fumicultura regional é a desagregação da categoria de fumicultores familiares semi-capitalizados. Tal processo é caracterizado com base nos seguintes elementos :

- 1) Evasão de parte da força de trabalho familiar jovem, atraída por oportunidades de emprego em mercados urbanos.
- 2) Dificuldades subsequentes de assalariamento na fumicultura, em virtude da concorrência com atividades mais rentáveis, como a citricultura.

A consequência imediata é a maior uniformização da estrutura produtiva a nível da lavoura, face ao aumento da participação da categoria de micro-fumicultores familiares despossuídos na composição das safras. O impacto desse fato é a deteriorização dos padrões de qualidade do fumo Brasil-Bahia produzido no Recôncavo. Ocorre assim não só uma queda persistente de rendimento físico-este historicamente sempre baixo, como evidente decréscimo de rendimento do chamado “fumo alto”.

Enfim, as consequências que a crise na agro-indústria trouxeram foram infinitas não só para região do recôncavo baiano, como também para a indústria a nível mundial, pois como já foi dito várias empresas fecharam ou entraram em falência reduzindo assim a área plantada e também da área colhida. Outros fatores apresentados foi a redução do rendimento plantado e do número de empregos na atividade fumageira.

5 PERSPECTIVAS DE REVITALIZAÇÃO DA LAVOURA FUMAGEIRA

O charuto, que durante anos acompanhou personalidades famosas como Churchill, Freud e Che Guevara, hoje participa sem cerimônia de rodas de bate-papo entre amigos, já conquistou até a preferência de algumas mulheres e, em muitos casos, e, em muitos casos, desbancou inclusive o cigarro. De acordo com seus apreciadores, o charuto é puro prazer. Daí a tradição de distribuir charutos aos amigos em momentos de comemoração, como o nascimento de um filho, por exemplo. A grande diferença entre o charuto e o cigarro é que o primeiro é acendido num momento adequado, complementando coisas agradáveis como um bom jantar, uma boa bebida, ou momentos de confraternização, enquanto fumar cigarro é um ato mecânico. Uma vantagem do charuto sobre o cigarro é que ele não deixa cheiro impregnado no ambiente depois de ser apagado é diluída a fumaça. Os charutos que circulam atualmente no mercado têm origem em Cuba, na República Dominicana, Honduras, Jamaica, México, Estados Unidos, Holanda e Brasil, sendo que os dominicanos e hondurenhos vêm demonstrando consumo crescente, abastecendo com qualidade um mercado que Cuba não consegue suprir regularmente em consequência de seu pequeno espaço físico e dos problemas climáticos em épocas de lavoura. Outro ponto diz respeito ao embargo que os produtos cubanos recebem nos Estados Unidos

5.1 PERSPECTIVAS DE MERCADO PARA O CHARUTO BAHIANO

Há cerca de três anos, os ventos viraram favoravelmente para os produtores baianos de fumo. Houve um aumento expressivo do consumo de charutos nos EUA, com reflexos em todo o mundo. O responsável por isso deve-se a Hollywood. Bastou Demi Moore, Jack Nicholson, Mel Gibson, Arnold Schwarzenegger aparecerem fumando charutos para as vendas explodirem. Os americanos fumam cerca de 400 milhões de charutos por ano e devem alcançar a marca de 1 bilhão no ano 2000. O modismo ganhou mundo e isso repercutiu em toda a cadeia mercadológica. **(Negócios Agrícolas mar/98, p 25)**

O fumo representa papel importante na agricultura baiana em termos econômicos. Em 1995, esse produto contribui com R\$ 14.749 mil na composição do valor bruto da produção baiana, valor que , em 1997, cresce para R\$ 20.066 mil , representando , aproximadamente , 1% no volume total conferido pelas lavouras , portando-se na 17 posição , acima de produtos expressivos da economia agrícola estadual , como a manga, borracha , dendê , melão, dentre outros.

O volume de dinheiro em circulação no mercado baiano do setor chega a US\$ 30 milhões por ano, praticamente tudo resultado das vendas para o exterior, porém isso é muito ínfimo em relação ao mercado externo.

Segundo o presidente da Dannemann no Brasil, a empresa continuou investindo a média de US\$ 1,5 milhão por safra, a meta era atingir uma produção de 1,6 mil toneladas. Além do apoio das empresas exportadoras os agricultores tem se beneficiado dos programas de fomento da Secretaria da Agricultura. A estação de produção de mudas da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, em Iará produziu no ano de 1997 6,5 milhões de mudas. Junto com as mudas distribuídas para as indústrias fumageiras, plantaram dez milhões de pés de fumo, que renderiam 100 a 120 arrobas se as chuvas fossem regulares.

A Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) distribuiu no ano de 1998 7,5 milhões de mudas de fumo crioulo do cultivo Bahia-Brasil entre 1200 pequenos produtores rurais (proprietários de um ou dois hectares) dos municípios Iará , Coração de Maria, Feira de Santana.

Esse programa deve aumentar a produção baiana de fumo.

Existe uma perspectiva de uma safra de 126 mil arrobas, correspondendo a 1890 toneladas de folhas de fumo. Essa produção deve gerar uma receita superior a R\$ 3 milhões e em torno de R\$ 514 mil de imposto de circulação de mercadorias e serviços (ICMS).

Em 1996 a Bahia produziu 5,25 milhões de toneladas de fumo cru e exportou 70 mil fardos, de 75 kg cada. Este ano a lavoura deve apresentar um crescimento expressivo, já que a área do plantio aumentou em cerca de 600 %. (**Jornal A TARDE 10/98,p 13**)

O município de Irará é o terceiro produtor de fumo da Bahia, com 10 % do total, somente superado por Cabeceiras do Paraguaçu, que produz 18 %, e Governador Mangabeira, com 11 %.

A indústria fumageira baiana passa por um período de recuperação depois de uma quebra de safra de mais de 60%, registrada 1997 em consequência dos fenômenos meteorológicos El Niño. Em 1998, os agricultores colheram uma safra de aproximadamente cinco mil toneladas de fumo para charutos praticamente o dobro da anterior.

As exportações baianas do produtos fecharam o ano passado com US\$ 25,2 milhões. É que as indústrias de fumo conseguiram manter o nível das vendas externas dos últimos anos porque dispunham de estoque.

O boom repentino das vendas pegou as indústrias de surpresa, sem condições de aumentar a produção a curto prazo. Como as marcas tradicionais não conseguiram dar conta da demanda, começou a aparecer um grande número de fabricantes novos, que invadiram o mercado com produtos de baixa qualidade.

O mercado norte-americano tinha a expectativa de dobrar o consumo, mas foi frustrada. Em 97, os americanos consumiram 500 milhões de charutos. Os Estados Unidos são o terceiro mercado do fumo baiano. Responde por 10,3 % das exportações dos produtores que saiam da Bahia.

Para comemorar os 125 anos de fundação em 98, a Dannemam lançou recentemente mais uma linha de charutos especiais, a Artist Line, cujos fumos passaram

cinco anos em maturação para acertar o gosto. O charuto Hajenius, por exemplo, produzido na Europa com o fumo baiano da Dannemam é um campeão de sua categoria.

As exportações brasileiras de charutos e cigarrilhas em 1997, atingiram US\$ 1741500,00 FOB, destinando-se principalmente, para os EUA e Europa, situação demonstrada no **Quadro 13**: Exportação Brasileira de charutos e cigarrilhas por países de destino em US\$ FOB, 1997.

PAÍSES	1997	PARTICIPAÇÃO (%)
EUA	1.337.019	76,77
ALEMANHA	176.304	10,12
CANADÁ	144.984	8,32
SUIÇA	35.688	2,04
PAÍSES BAIXOS	23.818	1,36
ARGENTINA	8.380	0,48
FRANÇA	5.980	0,34
BÉLGICA	5.280	0,30
MALÁSIA	4.097	0,23
TOTAL	1.741.550	100

Dados : MICT/SECEX

Estudos promovidos pelo Ministério das Relações Exteriores (1998) indicam que o consumo de charutos nos EUA vem experimentando rápido crescimento nos últimos anos de modo que a demanda das categorias superiores do produto (premium cigors) supera a oferta. Logo, manifesta-se uma demanda reprimida por charutos de alta qualidade , considerado bens de luxo e que atingem o preço médio unitário de US\$ 1,00 determinando curva ascendente para estratos sociais de rede elétrica.

Houve um aumento das importações de charutos nos EUA cresceu 67% em 1996, em relação ao ano anterior. Nesse país, a maioria dos charutos tipo premium comercializados são oriundos do exterior.

O Brasil nem sequer figura dentre os principais exportadores de charutos de qualidade para os EUA. Países cujas produções de fumo em folha são insignificantes e não tem tradição na produção de charutos como a do Brasil, aproveitaram-se do embargo

econômico à Cuba imposto pelos EUA e, mediante política agressiva tem conseguido alargar seus espaços no mercado norte-americano.

O número apresentado pelo World Trade Atlas da F.A.O apud Ministério das Relações Exteriores (1998) demonstraram que, embora o Brasil tenha ocupado apenas o 12 lugar em valor exportado para os EUA em 1995 (US\$ 138 mil) 1996 (US\$ 751mil) e 1997 (1199 milhão), este desempenho crescente é animador, apresentando uma variação positiva de 59,73 %. Porém esse valor de 1997 corresponde a apenas 0,3 % de participação no mercado dos EUA. Em termos de volume de vendas, por sua vez, o Brasil cai no ranking para o 14 lugar com um total de 2223 unidades, em 1996 e 2737 unidades em 1997, encerrando uma variação positiva de 23,12 % no período de 1995 a 1997. **(SEAGRI/1999, p 23)**

Segundo a Simmons Market Research Bureau apud Ministério das Relações Exteriores (1998), aproximadamente 2,8 % dos adultos americanos fumam charutos, o que importa em torno de 5,4 milhões de fumantes de charutos, número que é estimado pela Associação Americana de Charutos em 6 milhões. Considerando que o consumo naquele país, em 1996 foi de 4,5 bilhões de unidades e que essa demanda manterá tendência ascendente, segundo Package Facts citado pelo Ministério das Relações Exteriores (1998), atingindo a cifra de US\$ 2,3 bilhões, em 2001(crescimento de 80% em relação 1996) e que as vendas de premium cigars deverão superar US\$800 milhões (mais do dobro do valor atual) enfim existe um grande potencial a ser explorado pela indústria baiana. **(Ibid, p 24)**

5.2 CONSUMO DE FUMO NO BRASIL NO MUNDO

É difícil a apuração de dados sobre o consumo interno de tabaco e derivados, em consequência da descontinuidade. Dessa forma a apuração em cinco estados (RS, SC,PR, BA E AL) que exportaram fumo em folha e fornecem matéria-prima à indústria doméstica cigareira e de charutos e outros derivados. Estatística da AFUBRA, ABIFUMO, IBGE e USDA permitem avaliação tentativa do consumo interno, a saber:

QUADRO 14 : Consumo do fumo no Brasil.

ANO	PRODUÇÃO (T)	EXPORTAÇÃO (T)	MERCADO INTERNO (T)	POPULAÇÃO (MIL/HAB)	CONSUMO (KG/HAB)
1939	92.887	35.378	55.509	41.992	1,369
1950	107.950	35.805	72.145	51.944	1,388
1960	161.426	31.618	129.808	70.992	1,828
1970	244.000	53.538	190.462	94.508	2,015
1980	404.860	145.285	259.575	122.176	2.124
1990	449.000 (1)	188.006	261.000	143.997 (3)	1,812
1991	530.000 (2)	187.600	342.400	146.917	2.330
1992	583.400 (1)	241.000	342.400	149.837 (3)	2,285
1993	466.800 (2)	245.500	221.300	152.833 (3)	1,447
1994	450.000 (1)	275.500	174.500	155.899 (3)	1,119

Fonte: Citada acima

NOTA: (1) Pequenas e (2) grandes disparidades entre as fontes citadas.

(3) Estimativas: base crescimento anual.

Da apresentação, verifica-se que o consumo interno do fumo no país, no período 1939-1980, aumentou a per capita de 1,3 Kg por habitante para 2,1 Kg/habitante: ou seja de 61% aproximadamente. As exportações cresceram em volume de 35 para 145 mil toneladas e 370%. O biênio de 1991-1992 marcou a expansão do consumo interno de 31% em relação 1950, que registrou 261 mil toneladas. Devido a campanha antitabagista, em 1993 houve queda de 54% (221 mil toneladas) que se acentuou em 1994 para 174 mil toneladas (27%). No ano 1995, o Departamento de Agricultura dos EUA estimou a

produção brasileira em 325 mil toneladas e as exportações em cerca de 230 mil toneladas, prevendo, portanto consumo interno de cerca de 95 mil toneladas. Segundo dados apurados pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo as exportações de fumo foram no valor de US\$ 768 milhões, ou seja, 10,78 % é mais do que no ano anterior . (**PROMO/1998**)

O consumo de fumo difere entre os países, de acordo com o grau de desenvolvimento dos mesmos. Assim sendo, o consumo per capita de fumo nos países desenvolvidos é bastante elevado e o crescimento da demanda do produto é influenciado pelo crescimento populacional, enquanto que o referido consumo nos países em vias de desenvolvimento é reduzido e os acréscimos da demanda dependem do crescimento populacional, da renda e do consumo per capita.

Entretanto, segundo previsões da FAO, as taxas de crescimento do consumo nos países em vias de desenvolvimento deverão ser maiores do que as dos países desenvolvidos, em decorrência do fator renda : “nos países em desenvolvimento as taxas de crescimento de consumo deverão ser mais elevadas que as dos países desenvolvidos, que já possuem altos níveis de renda e de consumo de fumo e, por isso, novos incrementos da renda desses países não deverão Ter o mesmo efeito sobre o consumo de fumo”.

Por outro lado, a demanda será também influenciada, principalmente nos países em desenvolvimento – que são os maiores consumidores de produtos do fumo, pelas campanhas preventivas e de criação de fundos para combater o fumo.

As campanhas preventivas contra o fumo inicialmente foram realizadas com o objetivo de reduzir ou estabilizar o consumo do fumo e consistiam em pesquisar as influências causadas pelo mencionado produto na saúde dos fumantes. Posteriormente, as campanhas preventivas passaram a abranger um elenco de medidas legais adotadas por alguns países.

QUADRO 15 : Consumo mundial de fumo – período 1989-1991 (toneladas)

PAÍSES	1989	%	1990	%	1991	%
CHINA	2.182.553	36	2.155.455	35	2.212.325	36
EUA	567.873	9	574.000	9	580.000	9
ÍNDIA	403.000	7	427.500	7	408.070	7
URSS	325.000	5	310.00	5	310.000	5
BRASIL	155.000	3	158.000	3	159.000	2
INDONÉSIA	126.207	1	135.557	2	149.323	2
TURQUIA	88.442	1	107.297	2	99.062	2
OUTROS	2.217.656	38	2.253.186	37	2.255.404	37
TOTAL	6.065.731	100	6.121.045	100	6.143.184	100

FONTE : USDA – ABIFUMO - 1996

5.3 DEMANDA DO FUMO NOS ESTADOS UNIDOS.

A quantidade consumida de charutos para consumo de massa grandes atingiu o total de 2.7 bilhões em 1996. Tal cifra equiivale ao total (todas as categorias) de charutos consumidos em 1987 pelo mercado americano.

Além do crescimento no valor e no volume das vendas de charutos nos Estados Unidos no período 1991-1996, a “Package Facts “ aponta para o fato de que o preço médio de todas as categorias de charutos cresceu de US\$ 19,7 centavos em 1991 para US\$ 28,1

centavos em 1996. A alta do preço médio reflete também o crescimento no consumo das categorias “premium “e de consumo de massa.

5.3.1 Composição da Demanda

De acordo com a ‘Simmons Market Research Bureau ‘, aproximadamente 2.8 % de adultos americanos usam charutos (homens e mulheres acima de 18 anos). Tal estimativa leva a uma população de aproximadamente 5.4 milhões de fumantes de charutos. A Associação Americana de Charutos estima o total de 6 milhões de consumidores de charutos nos Estados Unidos.

Os consumidores de charutos, segundo pesquisa da ‘Simmons ‘, referida acima, caracterizam-se sobretudo por homens, solteiros que em geral ocupam cargos de gerência ou são trabalhadores qualificados com renda anual de pelo menos US\$ 40,000. Além disso, a faixa etária com maior número de fumantes de charutos situa-se entre 18 e 44 anos. A mesma pesquisa aponta, ainda para o fato de que os fabricantes de charutos observam que 96 a 99 % do mercado consumidor de charutos é composto de homens.

As mulheres, empregados em escritório e vendedores são os que, de acordo com a mesma pesquisa , possuem a menor probabilidade de consumir charutos. Incluem-se ainda nesse grupo as pessoas casadas e aqueles acima de 50 anos . Existem perspectivas de expansão no consumo de charutos das mulheres no mercado americano.

Os charutos grandes são os de maior consumo , atingindo aproximadamente o total de 3,5 milhões de consumidores, segundo a “Simmons”.

De acordo com o jornal "Tobacco International " há aproximadamente um milhão de consumidores de charutos da categoria "premium "e esse número vem crescendo. Vale dizer, ainda, que, segundo a revista "Cigar Aficionado "os consumidores mais jovens (entre 25 e 44 anos) são os que contribuem para o crescimento da demanda de charutos "Premium ". Além disso, segundo pesquisa feita pela mesma revista, a renda média anual dos consumidores de charutos "Premium "situa-se acima de US\$ 109,000 . (**PROMO /1998**)

5.3.2 Tamanho e Crescimento do Mercado Americano de Charutos.

Quadro 16: Tamanho e crescimento do mercado de charutos nos Estados Unidos

-por categoria-		
1991-1996		
(Em milhões de dólares)		
Categoria	1991	1996
Charutos para consumo de massa	US\$ 546	US\$ 846
Charuto “premium”	US\$ 83	US\$ 315
Charuto pequenos	US\$ 76	US\$ 89
Total	US\$ 705	US\$ 1,250

Fonte: “Packaged Facts”.

Conforme o Quadro 16 acima, de acordo com a “Packaged Facts” o valor das vendas de charutos nos Estados Unidos atingiu US\$ 1,3 bilhões em 1996, aproximadamente 25 % acima do valor verificado em 1995 (US\$ 1.0 bilhão). O consumo, tomando por base dados do Departamento de Comércio Americano, do “Bureau Census” atingiu 4.5 bilhões de unidades em 1996.

De acordo com a “Packaged Facts” o valor das vendas de charutos nos Estados Unidos atingiu US\$ 1.3 bilhões em 1996, aproximadamente 25 % acima do valor verificado em 1995 (US\$ 1.0 bilhão). O consumo, tomando por base dados do Departamento de comércio Americano, do “Bureau Census” , atingiu 4.5 bilhões de unidades em 1996.

Pode-se observar que os charutos tipo “premium” (de melhor qualidade) foram os que experimentaram maior aumento nas vendas.

Em 1994, as vendas registraram crescimento 33 % acima em relação ao ano passado anterior e subiram para 50 % e 75 %, respectivamente em 1995 e 1996. De acordo com a

“package Facts analistas do setor acreditam que o crescimento nas vendas dos charutos “premium” poderiam ser ainda maiores caso não houvesse escassez de oferta nessa categoria. Há portanto, neste caso, bom nicho de mercado a ser explorado pelo charuto brasileiro de qualidade. Os charutos de consumo de massa subiram as vendas em 15 % em relação ao ano anterior. Já os charutos pequenos foram os que experimentaram menor crescimento em 1996 – 2 %.

5.3.3 Tendências Recentes.

No ano de 1993, o mercado de charutos nos Estados Unidos registrou seu nível mais baixo de consumo, segundo a “packaged Facts” Desde então, até 1997, a demanda voltou a crescer, acarretando até insuficiência de oferta para os charutos “premium” conforme já indicado anteriormente. Diversos fatores concorreram para favorecer a predisposição do consumidor para o charuto.

Aponta-se, em primeiro lugar, o fato de que a imagem do consumidor de charutos foi reabilitada , deixando de ser um artigo consumido , entre outros , por políticos obscuros, para serem utilizados por personagens glamurosos do “show business” americano, que fazem o efeito demonstração. Além disso, a mesma pesquisa enfatiza o crescimento do consumo entre os jovens profissionais, como também o crescente número de bares e restaurantes que permitem o uso de charutos.

Outro fator que pode Ter contribuído para o aumento do consumo de charutos, segundo a “Package Facts” , refere-se à redução do consumo de cigarros nos Estados Unidos. Neste caso, os fumantes acreditam que o consumo de charutos pode ser menos prejudicial à saúde do que o de cigarros.

De acordo com a “Packaged Facts” , o mercado de charutos nos Estados Unidos deverá manter o ritmo de crescimento. Segundo tais prognósticos, as vendas de charutos no mercado americano deverá atingir o valor de US\$ 2.3 bilhões em 2001 – um crescimento de aproximadamente 80 % com relação ao verificado em 1996. Segundo a mesma fonte, as

vendas de charutos “premium” deverão passar do dobro em 2001, atingindo um total aproximado de US\$ 800 milhões.

A “Package Facts” estima que há lugar para um crescimento de dois dígitos no volume e no valor das vendas da categoria “premium” até o ano 2001. As vendas por unidade passarão de 274 milhões para aproximadamente 545 milhões em 2001. Apesar dos prognósticos positivos da “Package Facts”, o analista Michel Santoi, em artigo publicado na revista “Barron’s” de 24 de novembro de 1997, busca ponderar suas estimativas, fatores que apontam para um desaquecimento moderado no mercado americano de charutos: sendo o “boom” no consumo de charutos fruto de novo comportamento social, os novos competidores que entram no mercado deverão ocupar a margem da curva de oferta até o ponto em que puxara os preços para baixo e tenderá uma desvalorização do produto. Tal tendência, como em qualquer crescimento do mercado.

5.4 NOVOS NICHOS DE MERCADO NO BRASIL

Uma legião cada vez maior de charuteiros começa a sair do “gueto” ao qual estava confinada e vem assumindo publicamente as baforadas. Afinal, fumar virou moda e símbolo de sucesso, como ocorre em Wall Street, onde os jovens executivos ostentam charutos como há alguns anos desfilavam com canetas Mont Blanc. Em Salvador, embora não exista, ainda, clube de fumantes, os amantes do charuto se reúnem em restaurante onde o fumacê é liberado, ou em casa para trocar idéias sobre o assunto. A promotora de eventos Lícia Fábio, que passou dez anos fumando “escondido”, em casa, saúda os novos tempos. “Havia uma repressão, principalmente com relação às mulheres, mas há mais ou menos cinco anos, as charuteiras foram, digamos assim, liberadas”, disse, lembrando que a vontade de fumar é antiga. Quando não encontra charutos cubanos, Lícia fuma os baianos, cuja qualidade também aprecia. Restaurante como o Trapiche Adelaide, o Cinema Paradiso e o Alfredo de Roma, da capital baiana, reservam área, colocam cinzeiros adequados e tem sempre um estoque razoável de charutos para oferecerem à sua clientela. (**PROMO, 1998, p 09**)

“Na verdade isso é uma tendência dos restaurantes mais chiques”, atesta a promotora de eventos. A sexóloga Hosana Barreto também atraída pelo charuto na infância. “Minha família é do Recôncavo Baiano e todos fumavam”, contou. Hosana só começou a fumar com regularidade a cerca de seis anos, mas prefere fumar em casa. Fascinada pelo assunto, Hosana foi visitar a fábrica de charutos da Menendez Amerino, em São Gonçalo do Campo, para acompanhar todo o processo de fabricação.

A criação de um clube para charutos em Salvador é um questão de tempo. As conversas nesse sentido já estão adiantadas. Lúcia Fábio informa que o charuto ganha cada dia mais adeptos e sem muito esforço, lembra de um grupo seleta que poderia integrar o futuro clube.

6 CONCLUSÃO

O fumo foi uma cultura que surgiu na Bahia desde a época do Brasil-Colônia . E no início esse produto era utilizado na troca de escravos. No final do século XIX a lavoura fumageira já não tem mais como destino principal o comércio escravista. Com isso o fumo passa a ser no Recôncavo Baiano um elemento importante na pauta das exportações, principalmente depois das reduções sofridas nas exportações do açúcar. Assim essa cultura se firmou como uma das principais receitas da região.

No princípio, o fumo figura em segundo lugar nas exportações, para logo alcançar a primazia.

Esse produto se insere num sistema voltado particularmente para o mercado externo, onde existe o hábito do uso do produto , ou seja, a maior demanda. Trata-se de um sistema de produção/comercialização articulado, tendo como matéria-prima industrial o fumo beneficiado. Assim é que é montado no Recôncavo Baiano toda uma estrutura liderada por grandes empresas multinacionais de fumo, que subordinou não só os lavradores de fumo, como também todas as camadas que fazem parte desse processo.

A alta qualidade do fumo Brasil-Bahia fez com que o produto conquistasse as exigências de um mercado sofisticado como o Europeu. Dessa forma, este fumo passou a ser conseqüentemente exportado para a Europa na forma de folha beneficiada ou na forma de charutos.

Constitui-se um parque manufatureiro de charutos, formado por capital mercantil importador, sediado nos países europeus, constituindo tais manufaturas, atividade complementar, subsidiária do comércio exportador.

Essa atividade tem como característica a utilização maciça de mão-se-obra, sendo que a presença das mulheres, chega a quase 80% nessa atividade. Elas que se encarregam no beneficiamento do produto, na separação do produto, formação das

bonecas, etc. Já os homens ficam mais na parte das plantações e nos trabalhos que lidam com máquinas nos armazéns ou nas fábricas de charutos.

A estrutura fundiária das plantações de fumo se caracteriza pelas pequenas propriedades que ficam entre 2 a 5 há . Pois os grandes proprietários não mais se sentem atraídos a plantação de fumo. Então o sistema funciona de maneira em que o pequeno lavrador em parceria com as empresas exportadoras, seja ela Ermor, Fumex ou Dannemam através de um acordo, a produção que será colhida na próxima safra será vendida a empresa e ao longo do tempo as despesas são descontadas do valor bruto a receber que é o valor total de sua produção. Essas despesas são defensivos, adubos, etc...

O sistema de crédito da cultura do fumo particularmente é financiado pelos armazéns das empresas estrangeiras, onde são dados adubos, defensivos e assistência técnica, por agrônomos ou técnicos agrícolas, para no término da safra ser descontado os custos financiados pelo armazém.

Forma-se um parque manufatureiro de charutos, que continua sendo contituido por capital mercantil importador. Assim forma-se uma estrutura empresarial bastante concentrada composto por poucas manufaturas todos sob o controle de exportadores ou grandes comerciantes de fumo.

Assim é que o Brasil se configurou com um dos países com ritmo ascendente das exportações. Porém essa situação começa a Ter um destino diferente a partir dos anos trinta, quando houve a primeira retração de mercado, porém a mudança estrutural de maior alcance sobre o mercado do fumo se dá através da chamada revolução tecnológica da indústria cigarreira iniciada. Houve o surgimento da grande empresa oligopólica multinacional que era apoiada na aliança entre capital industrial e o capital bancário. A British American Tobucco, através da sua subsidiária CIA Souza Cruz com um esquema de suprimento de matéria-prima garantido pelo polo produtor no Rio Grande do Sul.

Assim revelou nesse contexto uma incapacidade das manufaturas de charutos sobreviventes no Recôncavo para promover o revolucionamento de sua estrutura produtora, principalmente de matéria-prima especial para capas. Conseqüentemente monta-se no Brasil dois sistemas : uma nova estrutura de natureza agro-industrial, organizada no Rio Grande do Sul e Santa Catarina com um novo sistema exportador nacional e de um parque industrial cigarreira estabelecido em escala nacional. E a velha estrutura agrícola do Recôncavo da Bahia, tributária de um capital mercantil que perdeu posição a nível mundial , mas continuaria hegemônico frente as firmas exportadoras.

Um outro aspecto decisivo no avanço da crise na agro-indústria fumageira do Recôncavo foi a expansão da região de Arapiraca, que tornou-se foco de ação de empresas exportadoras que tem por finalidade comprar um produto mais barato.

Associado aos aspectos acima junta-se a falta de incentivo do governo em alavancar essa cultura, na própria região do Recôncavo Essas empresas de fumo. na hora de contratarem seus profissionais buscam no sul do país. Ou seja, existe uma falta de incentivo por parte das autoridades da região, isso reflete na assistência técnica e na extensão rural, que ficam por conta das empresas exportadoras a qual estão investindo neste segmento. Outros atribuem a crise as oscilações de preços no mercado internacional, com reflexo no mercado interno, desestimulando o produtor a aperfeiçoar sua qualidade.

Enfim existem vários fatores que explicam o processo de crise que a agro-indústria do fumo na região do Recôncavo, mas não se pode analisar cada fator isoladamente e sim o conjunto de todos eles, pois forma-se uma cadeia ,onde cada fator está atrelado a outro. Deve-se destacar as conseqüências que a crise trouxe para a região. Como a redução do número de empresas , redução do número de empregos nessa atividade , associado a esse fato existe um redução da renda. Também houveram mudanças estruturais na operação da atividade com o desaparecimento dos “enfardadores” na área de compras e uma substituição desses pelos agentes de compras e a introdução de beneficiamento centralizado .I

Isso trouxe uma dependência de suprimentos de matéria-prima originárias do micro-lavrador. Isso irá trazer um impacto na qualidade do fumo produzido na região.

Porém, apesar da crise que se instalou na agro-indústria fumageira, essa atividade ainda se constitui de grande importância na economia baiana e fazendo parte da lista dos produtos responsáveis pelo emprego de muitas famílias da região.

Existe um mercado bastante promissor para esse produto, o mercado americano, que com incentivo do “showbusiness” sofreu um aumento no consumo de charutos e isso refletiu na produção do produto aqui no Recôncavo Baiano.

O Brasil ocupa hoje o 12 lugar em valor exportado para os EUA, porém o nosso país só participa com 0,3 % do mercado americano, ou seja, existe uma grande fatia de mercado a ser conquistada, mas para isso nosso produto precisa atender as exigências do consumidor americano que não são poucas. Há uma tendência segundo a Package Facts de em 2001 a cifra americana seja de US\$ 2,3 bilhões e que as vendas de “premium cigars” supere US\$ 800 milhões.

Houve aumento das importações de charutos nos EUA, o segmento cresceu 67 % em 1996 em relação ao ano anterior, alguns pesquisadores atribuem a imagem do consumidor de charutos foi reabilitada, deixando de ser um artigo consumido, entre políticos obscuros para retomar espaços mais glamourosos, ou a redução do consumo de cigarros nos EUA, ou ao símbolo de prosperidade e luxo que os charutos passaram a traduzir.

Assim, existe uma tendência ao crescimento do mercado de charutos, principalmente nos EUA, as perspectivas são boas para a agro-indústria fumageira baiana, pois o fumo originário da região é um dos melhores a nível mundial, comparado com os charutos cubanos. Porém em muitos aspectos essa indústria precisa avançar para não perder mercado para outras praças que estão surgindo como República Dominicana, com um maior rendimento e com um menor custo para o mercador importador.

O mercado americano é potencial , mas é preciso aumentar a produtividade e melhorar a qualidade do fumo, por conseguinte conquistar uma maior competitividade no mercado internacional onde a competição é bastante intensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO FUMO. A Fumicultura na Economia Brasileira. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO FUMO. Perfil da Indústria Brasileira do Fumo. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO FUMO. Perfil da Indústria Brasileira do Fumo. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1994.

ALMEIDA, José Carlos da Silva,. Avaliação da Política Comercial das Exportações Brasileiras o caso do Cacau e do Fumo na Bahia. Salvador: UFBA/FCE/CME, 1980 (Tese de Mestrado).

AZEVEDO, Dorothy. O trabalho feminino na Agro-Indústria Fumageira no Estado da Bahia .Salvador, 1975.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Produção e mercado do fumo no nordeste. Ceará: BNB, 1980.

CARVALHAL, José Mário; EPSTEIN, Luiz Henrique Hirsch; MESQUITA Augusto Sávio. Programa de Revitalização da Cultura do Fumo no Estado da Bahia, Salvador: SEAGRI, 1999

BAHIA. CONDER. Estudos Básicos para o projeto Agro-Pecuário do Recôncavo. Salvador: CONDER, 1974

GLOBO RURAL, Rio de Janeiro, Globo, cad. Economia, p. 64 a 68, fev.1999.

SISTEMA de Produção para Fumo de Corda. Salvador: EPABA, 1984.

EPSTEIN, L.H.H. . Fumo na Bahia. Salvador:, 1996.

FUMO: Cultura e Industrialização no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: FGV, 1977

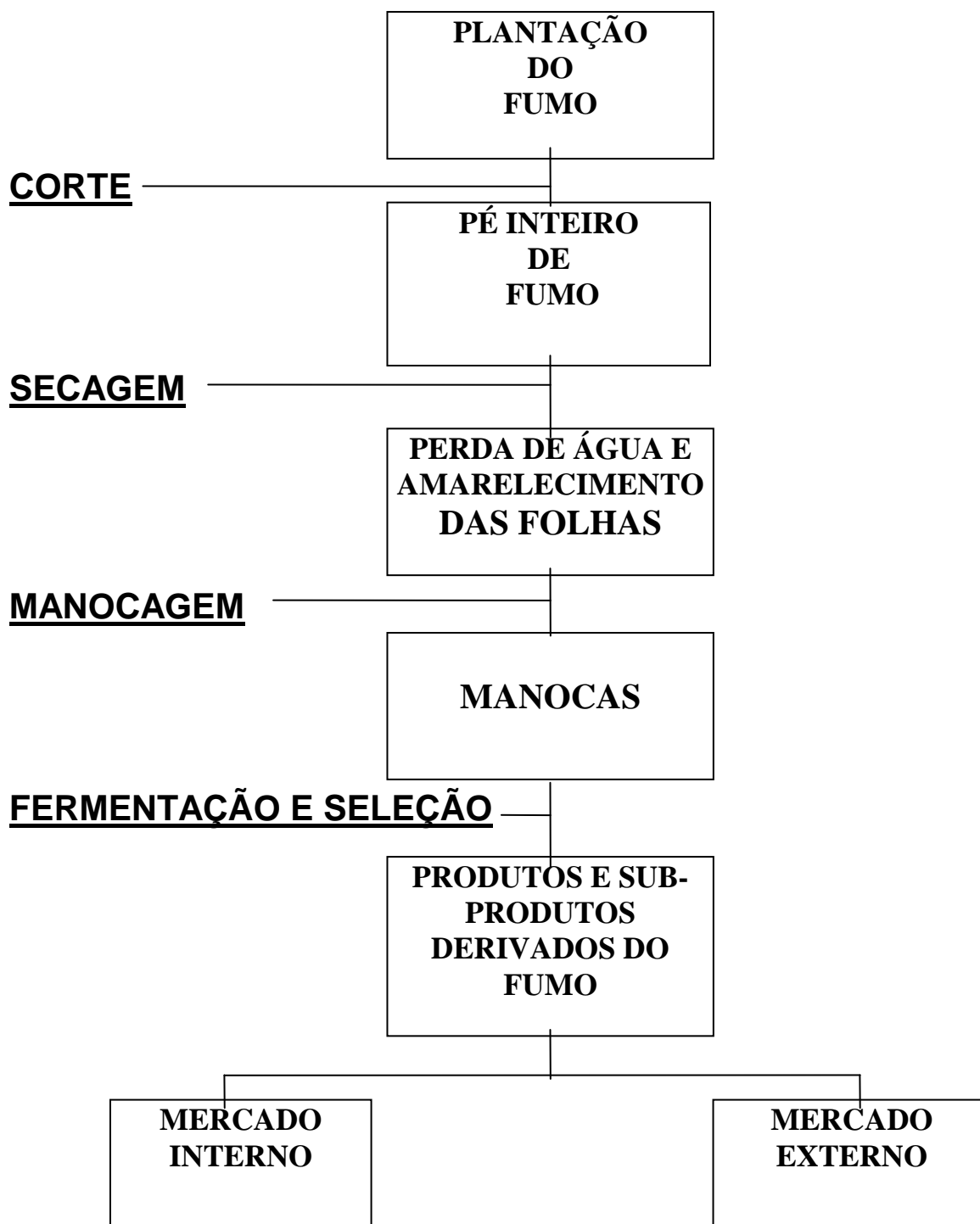
- FRAGA, Jairton Araujo. A cultura do fumo de corda. Salvador: EMATER-BA, 1986.
- GUERREIRO, Gleomário. Cultura do fumo. Salvador, Circular n35, 1973.
- INDÚSTRIA do Fumo quer acabar com Trabalho Infantil. Gazeta Mercantil, Salvador , p.8, fev. 1999.
- HOLLYWOOD Fuma Charutos. Negócios Agrícolas Salvador: SEAGRI, mar. 1998.
- BAHIA. SEAGRI IBF. Fumo na Bahia, diagnóstico preliminar. Salvador: SEAGRI, 1980.
- BAHIA.SEAGRI.IBF Posição do fumo na economia estadual . Salvador: SEAGRI, 1983.
- BAHIA.SEAGRI.IBF. Produção e Comercialização de fumo no Estado da Bahia . Salvador:: SEAGRI, 1986.
- MARQUES, Antônio Nonato. Geografia do Fumo. Salvador: Centro de Estudos Ruralistas, s.d.
- NARDI, Jean Baptista . A história do fumo brasileiro. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1985.
- NOVAS Técnicas. Globo Rural 1999, Rio de janeiro: Globo, p 08, 09, 1999.
- VENDAS externas voltam a subir. Negócios Agrícolas. Salvador; SEAGRI, jan, 1999.
- PLANTIO de fumo cresce 600% na Bahia. A Tarde, Salvador, p.13, 1998.
- PROMO EXPORT. A Indústria de Charutos na Bahia. Salvador: PROMO, 1998.
- RAMOS, Eduardo. Relação entre crescimento industrial e o desenvolvimento da região Fumageira de Mata Fina - Industrialização da mandioca 1972. Cruz das Almas, 1977 (Tese para concurso para professor assistente de Dep. de Economia Agrícola da UFBA).
- RAMOS, José Alberto Bandeira. A crise da economia fumageira do Recôncavo da Bahia nos últimos quarenta anos. Salvador: UFBA/FCE/CME, 1999 (Dissertação de Mestrado)

SILVA, José . Avaliação da Política Comercial das Exportações Brasileiras - O caso do Cacau e do Fumo da Bahia . Salvador/UFBA/FCE/CME, 1980. (Dissertação de mestrado UFBA),

ANEXOS

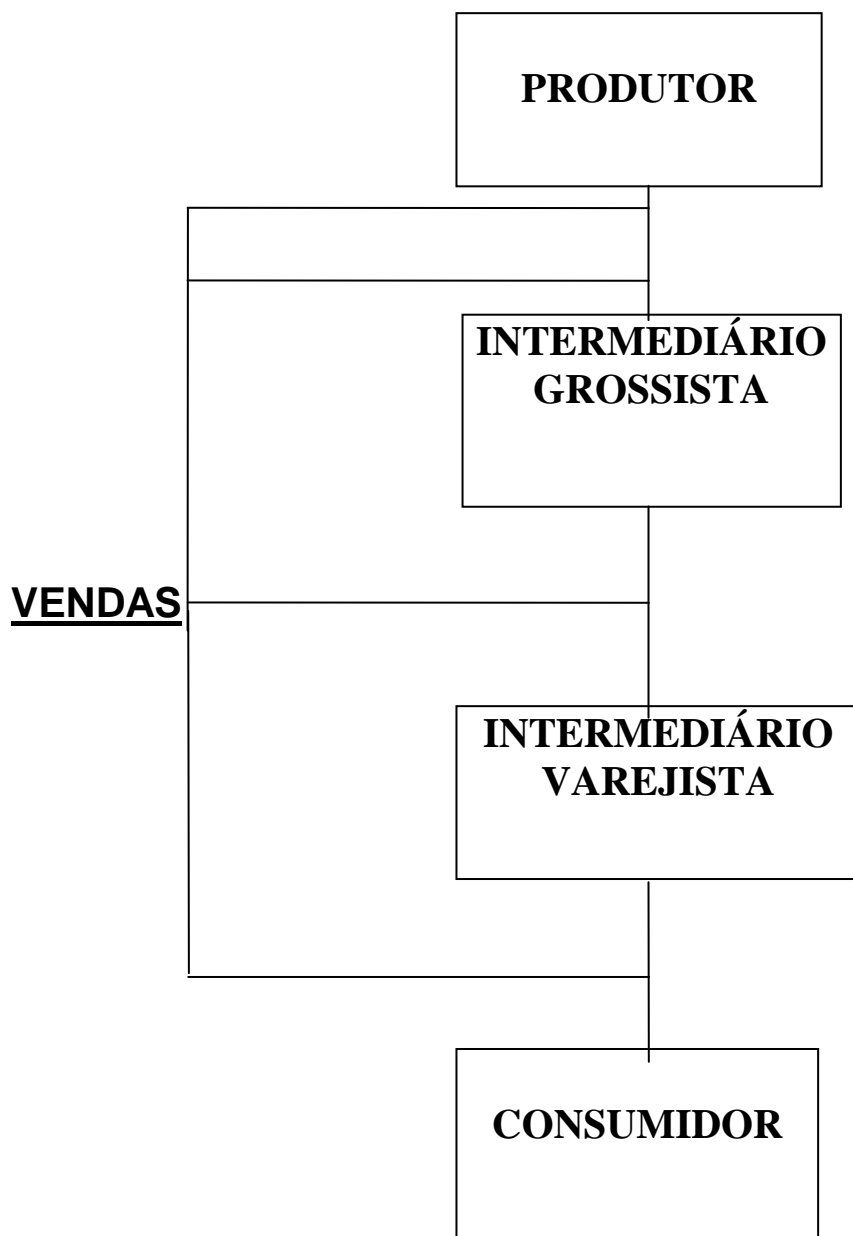
ANEXO I

FASES DE PREPARAÇÃO DO FUMO EM FOLHA.



ANEXO II

PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO DO FUMO



COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO BAIANA DE FUMO EM FOLHA, 1965-75 / 1986-98

